

RICHARD SIMONETTI

ATRAVRESSANDO A RUA

na



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

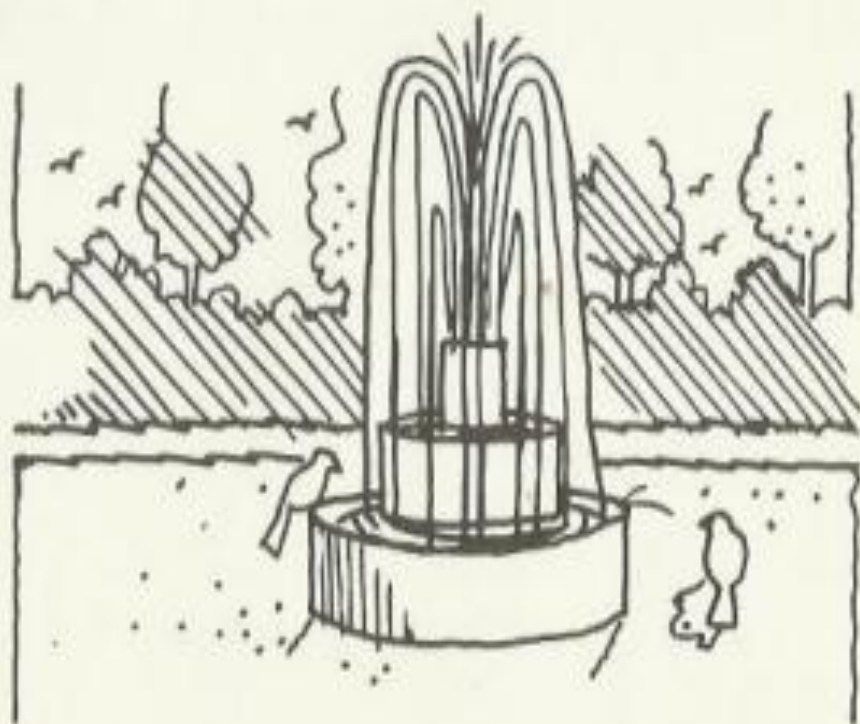
O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Richard Simonetti

ATRAVESSANDO A RUA



Capa: Cláudio de Oliveira Santos

© 1985, Instituto de Difusão Espírita

1ª edição - 54ª ao 58ª milheiro - julho/1999



INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA
Avenida Odo Barreto, 1067 - Caixa Postal 110
Fone: (0199) 41-2388 - CEP 13600 - Araras
Estado de São Paulo - Brasil
C.G.C. (MF) 44.220.101/001-43
Inscrição Estadual 182.010.605.118

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada na Editora)

Simonetti, Richard, 1935-

S61a Atravessando a Rua / Richard Simonetti,
Araras, SP, 8a. edição, IDE, 1991.

144 p.

1. Contos 2.Espiritismo I. Título.

CDD-869
-133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura brasileira 869
2. Espiritismo 133.9

“Dedico este livro aos companheiros que
deixaram os varandões da indiferença e
partiram, decididos, para o serviço do Bem

e

aos meus filhos Graziela e Alexandre,
esperando estejamos juntos sempre no
lado certo da rua.”

ÍNDICE

<i>Fundo Musical</i>	13
1 - O Elixir Milagroso	15
2 - A Moratória	19
3 - Com Menos Ficou Pior	23
4 - Culto do Evangelho ou Tribunal?	26
5 - A Visita	30
6 - Dose Exagerada	33
7 - Angústia Materna	36
8 - A Surpresa	40
9 - O Horóscopo	43
10 - Teatrinho	46
11 - A Jornada da Fraternidade	50
12 - O Quadro	53
13 - O Acidente	56
14 - A Opinião do Mentor	59
15 - Palpite Errado	63
16 - Veneno Mortal	65
17 - A Mágica Opção	69
18 - Aprendizado Eterno	71
19 - A Multa Maior	73
20 - Os Transportes da Fé	76

21 - Receita para Ser Forte	78
22 - Folhas ao Vento	80
23 - O Jogo da Substituição	82
24 - O Centro Forte	84
25 - Bizantinices	87
26 - O Lado Oculto	91
27 - O Grande Culpado	93
28 - Enganos	96
29 - Impasse Matrimonial	99
30 - O Cuidado que Faltou	103
31 - Um Natal de Verdade	106
32 - Atribuições de um Espírita Desencarnado	109
33 - O "Príncipe Encantado"	113
34 - Desfazendo um Engano	116
35 - No Fundo do Poço	119
36 - Recursos Mágicos	122
37 - Simples Álgebra	126
38 - Valioso Presente	130
39 - Compromisso não Cumprido	134
40 - Pais Identificados	137
41 - Do Outro Lado da Rua	141

FUNDO MUSICAL

Em 1975 a União Municipal Espírita de Bauru realizou amplo trabalho de divulgação doutrinária. Foram mobilizados todos os seus departamentos, com a convocação de muita gente.

Atendendo à indicação do grupo encarregado da programação, fazia parte de minhas tarefas preparar uma mensagem com a tônica da campanha: participação.

Após “espremer” o cérebro durante vários dias, à procura de uma idéia de impacto, ocorreu-me contar a história de um homem que, tendo morado durante anos defronte a um Centro Espírita, nunca se decidira a atravessar a rua para participar de suas atividades, embora fosse simpatizante da Doutrina Espírita.

Semelhante imagem ilustra perfeitamente a condição de muitos espíritas que, por comodismo ou indiferença, deixam passar a preciosa

oportunidade de enriquecer suas vidas, integrando-se "pra valer" no Espiritismo.

A mensagem, intitulada "Do Outro Lado da Rua", fez sucesso e, ainda hoje, tem sido utilizada por grupos espíritas, em campanhas similares.

Outras solicitações vieram, envolvendo festejos natalinos, evangelização infantil, assistência social, culto do Evangelho, oração. . . Eu optava geralmente por uma história, inspirada, não raro, em fato real, por sentir a força dessa forma literária, que motiva a leitura, além de facilitar o entendimento e a identificação do leitor com os conceitos expostos.

Por outro lado, em viagens freqüentes, nas jornadas de palestras, colhia muitas experiências de companheiros de ideal, relacionadas com as atividades espíritas. Seguindo a mesma orientação, eu as transformava em histórias. Várias delas foram publicadas em periódicos espíritas.

Daí surgiu este *Atravessando a Rua*, tendo por "música de fundo" o convite à participação, sempre presente em tudo o que diz respeito ao Espiritismo, em face de sua vigorosa e esclarecedora mensagem.

Bauru, março de 1985.

O ELIXIR MILAGROSO

Mario Kleber, dedicado pediatra, fazia a última visita à creche espírita, onde prestava assistência médica a cento e cinquenta crianças, antes de empreender longa viagem.

— Estão todos bem. Minha preocupação é o Johnny. Muito debilitado, não vem reagindo à medicação. Nas duas vezes em que o internamos experimentou melhoras, mas não foram satisfatórias. . .

— Também, pudera, — comenta Margarida, funcionária encarregada do berçário — nas condições de sua casa é um milagre que esteja vivo!. . .

— Esse milagre repete-se com milhões de crianças. No seu caso, entretanto, parece haver uma deficiência congênita. O pouco que conseguimos aqui, no sentido de fortalecê-lo, fica perdido quando retorna ao lar.

Johnny tinha um ano. Pesava como criança de cinco meses, extremamente magro, vítima de infecções renitentes e invencíveis desarranjos intestinais.

O pai, cuja iniciativa em direção do filho limitara-se à escolha do nome inglês, que soava estranho num crioulinho subdesenvolvido, era alcoólatra impenitente, alérgico ao trabalho. Quem garantia o sustento era a esposa, se é que se pode sustentar uma família de cinco pessoas com salário mínimo. A salvação estava na creche, onde as três crianças passavam o dia, enquanto ela desempenhava suas funções de serviçal doméstica e o marido perambulava pelos bares.

Mario preparou o receituário para Johnny, orientou Margarida, deu o endereço de um colega que o substituiria em emergências e se despediu. Sentiu-se particularmente deprimido ao reter o garotinho em seus braços, imaginando que o Espírito que animava aquele corpinho débil cedo partiria, como ave deixando acanhada gaiola. No dia seguinte empreendeu a viagem.

Retornou após cinquenta e cinco dias. Seu primeiro pensamento ao dirigir-se à creche foi o mesmo que o acompanhara: Como estaria o menino?

Procurou Margarida, abraçou-a e foi logo perguntando:

— E o Johnny?

— Ah! Doutor! Nem imagina! . . .

- Morreu?!
- Não. . .
- Está muito mal?
- Venha ver. . .

Levou-o ao cantinho destinado à recreação. . . Sem conter a surpresa o médico viu o menino engatinhando, lépido. . . Quase não o reconheceu. Engordara, estava corado, sorridente. . .

— Um meninão, não acha? E como gosta de comer!. . . Não há alimento que chegue! Desapareceram as infecções! O intestino está "jóia"! . . .

— O que aconteceu? Deram-lhe algum remédio milagroso?!

- Isso mesmo! Um elixir infalível!
- É caro?
- Não custou nada!
- Como se chama?
- Amor!
- Amor?

— Sim. Quando o senhor viajou comentei o problema com Rea Sílvia, uma das voluntárias da creche e ela "matou a charada", explicando:

"Creio que falta ao Johnny um pouco mais de cuidado, de carinho, de dedicação, não apenas aqui na creche, mas, sobretudo, no lar. Ele precisa de muita atenção, nas vinte e quatro horas do dia."

— E sabe, doutor, ela própria se prontificou a dar-lhe tudo isso. Pediu licença aos pais e levou o garoto para casa, onde, cercado pelo seu carinho, bem como do marido, igualmente devotado a serviços assistenciais, e dos filhos, que se deliciavam em ter um nenê, ele começou a desabrochar. Passada a fase crítica, refeito e forte, foi devolvido à família, permanecendo sob controle nosso e de Rea Silvia, sempre presente. O resultado é esse que estamos vendo.

— Abençoado remédio — comentou, feliz o pediatra. — Creio que devemos iniciar, com urgência, uma nova campanha. Precisamos de muitos doadores de Amor, a fim de que nossas crianças superem os traumas da miséria e cresçam fortes e saudáveis como almejamos! . . .

* * *

Nada enriquece mais a existência do que o Amor.

Com ele amenizamos dores alheias, curamos enfermos, confortamos aflitos, relevamos ofensas, superamos desentendimentos, promovemos reconciliações, distribuímos alegrias, amenizamos tristezas. . .

Se raros se dispõem a semelhantes realizações é porque as criaturas humanas ainda não compreenderam que o Amor beneficia, sobretudo, aqueles que o exercitam, favorecendo seu ingresso em estágios mais altos de sensibilidade e emoção, habilitando-os à felicidade plena.

A MORATÓRIA

Eronildo Gustavo era muito estimado nos círculos de suas relações, particularmente na comunidade espírita da qual participava. Servidor incansável, permanecia atento aos sofrimentos alheios, procurando minorá-los com a mobilização de recursos materiais e espirituais. Na tribuna a todos encantava com seu verbo fluente e esclarecedor. Escrevia páginas belíssimas. . . Um dos beneficiários de suas iniciativas dizia-lhe, empolgado:

– Admiro profundamente seu trabalho! Sua atividade é altamente meritória. . .

– Meritória, não. Moratória.

– ?!. . .

– Estive muito doente há quinze anos. Mal grave que me ameaçava com a cadeira de rodas. Como ocorre com muita gente, procurei consolo e cura no Espiritismo. Deram-me tra-

balho. O mentor espiritual que me atendeu usou de franqueza:

“O amigo foi muito afoito no passado. Seguiu por caminhos tortuosos. A imobilidade ser-lhe-á benéfica. Vejo, entretanto, que detém apreciáveis potencialidades. É um homem de inteligência e iniciativa. Proponho-lhe uma moratória. Restituir-lhe-emos a possibilidade de andar, mas esperamos por sua dedicação às tarefas do Bem. Mais tarde passará por uma reavaliação de seus débitos, assunto entre você e o Criador.”

— Estranho! Não sabia que podemos alterar o Destino de forma tão radical. Houve uma mudança de programação em sua existência. . .

— Na verdade modelamos diariamente o próprio destino com nossas ações. E mesmo em relação aos grandes eventos da existência, podem ocorrer mudanças significativas, condicionadas ao nosso comportamento ou às iniciativas do Plano Espiritual em nosso benefício. Não existe fatalidade absoluta, a não ser quanto à destinação final. Fomos criados para o Bem e lá chegaremos um dia, quer queiramos ou não, porquanto é vontade de Deus, que não falha jamais em Seus objetivos.

— E a cura? Deu-se prontamente, tão logo concordou com a proposta?

— Levou algum tempo, partindo de um tratamento espiritual que me restituiu a saúde, ao mesmo tempo em que os mentores espirituais avaliavam minhas disposições íntimas, a verificar

se eu estava simplesmente empolgado pelas perspectivas de restabelecimento físico ou me dispunha a servir realmente.

— E nunca pensou em desistir do serviço, após a recuperação? Parece que é comum isso acontecer. . .

— Não sou exceção. Também pensei em "cuidar da vida" várias vezes.

— Cultivou a perseverança. . .

— Não! Foi "paúra" mesmo! Medo de retornar à situação anterior. Acabei gostando. . . A atividade no campo espírita nos oferece incomparáveis alegrias. Deixa a gente em paz com a existência, embora os problemas.

— Ataques ao Espiritismo?. . .

— Achaques dos espíritas. Não somos diferentes do homem comum. Em todo agrupamento humano há dificuldades de relacionamento. A vivência cristã, favorecendo convivência perfeita, ainda é um ideal distante.

E sorrindo, Eronildo despede-se:

— Apesar dos percalços, tudo irá bem se mantivermos a disposição de enfrentar marés de irritação e desentendimento, evitando incorrer em marcha à ré no processo de nossa renovação.

* * *

Somos todos devedores em moratória.

Falta-nos condições para suportar a cobrança integral de nossos débitos para com a Justiça Divina.

Mesmo em face das parcelas módicas apresentadas, há a ação de amigos espirituais que intercedem em nosso favor, amenizando o resgate.

Nem todos, entretanto, têm condições para receber benefícios maiores. Desatentos à necessidade de lutar contra o acomodamento e a ilusão, o recurso é deixá-los com seus problemas, sofrimentos e dores, a fim de que não se comprometam em endividamento maior.

COM MENOS FICOU PIOR

Jonas e Susie identificavam-se num mesmo desejo: teriam seis filhos. Por que não cinco ou sete? Não saberiam responder. . . Era o que sentiam, desde os primeiros tempos de namoro, imaginando-se felizes, às voltas com meia dúzia de pirralhos. . .

Problemas financeiros não existiriam. Ele tinha um bom emprego, com futuro promissor. Casaram-se, eufóricos, unidos pelo afeto, empolgados pelas perspectivas de muitos filhos. . .

Os anos seguiram seu curso inexorável, o amor entre eles se manteve, embora os velhos problemas de relacionamento humano. Acima de tudo eram espíritos amigos, mas o ideal acalentado começou a arrefecer, desde o nascimento do primeiro filho, portador de grave limitação mental. O segundo, saudável e inteligente, mas irrequieto ao extremo, dava trabalho por mil. . .

Por isso, quando Susie engravidou pela terceira vez, tomou a decisão inabalável: seria o último filho. Jonas não discutiu. Também ele desiludira-se da prole numerosa: muita preocupação, muita dor de cabeça. . .

Nascida a criança, uma linda menina, simultaneamente foi providenciada a cirurgia esterilizadora. . . Trompas seccionadas e amarradas, o anticoncepcional definitivo. . .

Ambos sentiram-se aliviados, mas benfeitores espirituais lamentaram a grave decisão, contra a qual tinham trabalhado muito junto ao casal, porquanto a intenção inicial não configurava mero capricho. Era o reflexo de compromisso assumido perante a Espiritualidade. Seis Espíritos reencarnariam como seus filhos, obedecendo a amplo programa de serviço redentor.

A cirurgia drástica prendera no Além os três últimos: um inimigo ferrenho, com o qual deveriam harmonizar-se, favorecidos pelos laços da consangüinidade e as bênçãos do esquecimento; uma vítima de seus caprichos, precipitada em tortuosos caminhos, para cuja reabilitação deveriam cooperar, e nobre entidade, detentora de vastos patrimônios de virtude, que os ajudaria como anjo guardião, mais tarde, quando viessem a defrontar-se com graves problemas cármicos.

Barrados irremediavelmente, os três espíritos reagiram segundo sua posição evolutiva; o primeiro tornou-se obsessão dos futuros pais, complicando-lhes a existência; o segundo si-

tuou-se como alma penada no ambiente doméstico, impondo ao casal penosas impressões; o terceiro retornou às esferas mais altas, ante a impossibilidade de uma ajuda mais afetiva aos seus tutelados, na condição de filho. . .

E a existência de Susie e Jonas, que seria trabalhosa e sacrificial com seus filhos, tornou-se bem pior, com três apenas. . .

* * *

Ociosos discutir sobre a legitimidade do planejamento familiar. Se os pais têm a responsabilidade de cuidar dos filhos, é elementar seu direito de decidir se desejam tê-los.

Ressalte-se, todavia, que esse planejamento geralmente remonta à Espiritualidade, com o concurso de generosos e sábios mentores, antes do retorno à carne, quando os casais têm uma visão mais objetiva de suas necessidades evolutivas que, não raro, envolvem prole numerosa.

O problema é que, chegados à Terra, distraem-se das finalidades da existência e, transitando pelas névoas da ilusão, decidem limitar a natalidade, contrariando a própria consciência, que lhes diz inarticuladamente, no ímo d'Alma, que ainda há nascimentos programados para seu lar. Com isso adiam para futuro incerto experiências necessárias à própria edificação.

CULTO DO EVANGELHO OU TRIBUNAL?

— Então, dona Justina, como vai o ambiente do lar, após a instituição do Culto do Evangelho? — perguntava Orestes Garcia, experiente dirigente espírita.

— Para lhe dizer a verdade, não notei muita diferença. Em algumas reuniões temos até enfrentado problemas. . .

— Talvez não tenham acertado, ainda, com a orientação precisa. Gostaria de participar do próximo. Será possível?

Resposta afirmativa, eis o ardoroso apolo-gista do estudo dos ensinoss de Jesus no lar, participando do culto com a família de dona Justina. Após a oração, Carlos, o filho mais velho, abriu "O Evangelho Segundo o Espiritismo" e leu as observações de Jesus, constantes de Mateus, cap. 5.º, vers. 21 e 22:

"Sabeis que foi dito aos antigos: — não

matareis, e quem quer que mate merecerá condenação pelo juízo. Eu, porém, vos digo que quem quer que se puser em cólera contra seu irmão merecerá condenação no juízo; que aquele que disser a seu irmão: raca, merecerá ser condenado pelo conselho; e que aquele que disser: és louco, merecerá condenado no fogo do inferno.”

A dona da casa inicia os comentários:

— Bem, tenho falado muito a esse respeito com o José. Ele, de vez em quando, “perde as estribeiras” e se põe a gritar, falando o que deve e o que não deve. . .

— Não se esqueça de que você não fica atrás — defende-se o marido. — Não têm sido poucas as ocasiões em que me manda para o inferno. . .

— Acho que nenhum dos dois deve reclamar — interrompe Carlos. — Tenho sido vítima das irritações de papai e mamãe. Há dias em que me perturbam tanto que tenho vontade de sumir. . .

— Eu também — adianta Laura, a doméstica — principalmente por sua causa, mocinho. Ouço poucas e boas de sua parte, por um amassado na camisa ou uma refeição não inteiramente a seu gosto. . .

O ambiente estava se conturbando. A discussão tomava vulto. Orestes intervém, providencialmente:

— Calma, minha gente, estamos reunidos em nome de Jesus, à luz da oração. Acabo de descobrir porque o Culto do Evangelho não está indo bem aqui, com os benefícios que o caracterizam. É que vocês usam as lições de Jesus como juízes a pronunciarem condenações. A leitura da Boa Nova não se destina "aos outros". Deve falar à intimidade de nossa consciência. Não devemos usá-la para fiscalizar o semelhante e, sim, como orientação para nosso próprio comportamento. . .

Observando que suas ponderações acalmavam os ânimos, acentua:

— Na interpretação correta desta passagem, questionemos a nós mesmos: tenho me irritado com o próximo? Uso de compreensão e boa-vontade no trato com aqueles que me rodeiam? Falo com brandura? Evito agressões verbais? Contenho más palavras? Se retornasse hoje ao Além, qual seria minha posição espiritual, considerando o tipo de relacionamento que mantenho com familiares e amigos, superiores e subordinados?

Interpretando o sentimento geral, José desculpa-se.

— Não perdôo!. . . — diz, solene, o visitante.

Sorrindo, conclui:

— Se cogitasse de perdoar também eu estaria me colocando na posição de juiz, a agir

com magnanimidade, quando não passo de mero aprendiz, tentando errar menos, consciente de que não temos o direito de julgar ninguém. . . Por isso, não há o que perdoar.

* * *

No Evangelho encontramos sempre duas orientações precisas e inconfundíveis:

É preciso edificar o Bem.

É preciso eliminar o Mal.

Para sermos eficientes nesse empenho é de fundamental importância ter sempre presente que:

No empenho do Bem somos convidados a pensar no que falta ao semelhante. . .

No combate ao Mal devemos cogitar do que sobra em nós. . .

5

A VISITA

Argemiro Peli deixou o Centro ao final da reunião vespertina de domingo. Era um dos expositores, especializado em temas evangélicos, exaltando, com freqüência, os valores da Fraternidade e do trabalho em benefício do semelhante.

De retorno ao seu lar, em edifício de apartamentos, veio-lhe à mente a lembrança de um vizinho, rapaz solitário e introvertido que freqüentava, eventualmente, as reuniões de assistência espiritual. Precisava de ajuda. Não estava bem emocionalmente. Médiun desajustado, certamente sofria a influência de obsessores desencarnados. Poderia visitá-lo. Olhou o relógio: Dezesseis horas. Muito tarde! Estava cansado e havia um filme interessante na televisão. . .

Entrando no prédio, passou diante do apartamento do rapaz. A porta estava entreaberta. E se batesse, só para um alô? Argemiro relu-

tava. Queria repousar. Além do mais, sairia à noite. O papo ligeiro acabaria estendendo-se, atrasando seu passeio. Ficaria para outro dia. . .

Entrou em seu próprio apartamento. Ligou a televisão, retirou um refrigerante da geladeira e, refestelando-se no sofá, suspirou, feliz. . . Ah! As delícias de um fim de domingo tranquilo, sem nenhuma preocupação! . . .

Entretanto, o vizinho não lhe saía da cabeça: bem que poderia procurá-lo, fazendo-o sentir que havia alguém que se interessava por seu bem-estar. O moço precisava de amigos. . .

“Não e não!” — afirmou categórico para si mesmo — “Há algum obsessivo querendo perturbar meu repouso! Mas não conseguirá!”

E mergulhou no programa de televisão, sorvendo, preguiçoso, a bebida. O sono chegou de mansinho. Reclinou-se e dormiu. Teve sonhos confusos, com cenas de ambulância e viaturas de policiais trafegando ao som de sirenes estridentes. Despertou, inquieto, às dezenove horas. Banhou-se, tomou leve refeição e saiu.

À porta do prédio percebeu um ajuntamento de pessoas. Viatura policial e ambulância estavam de saída. Levavam um cadáver. Seu vizinho suicidara-se exatamente naquele espaço de tempo em que Argemiro, postado diante da televisão, resistia ao impulso de visitá-lo.

* * *

A intenção do suicídio dispara alarmes no Plano Espiritual, mobilizando familiares, amigos e orientadores espirituais que, com recursos ao seu alcance, tentam demover seus tutelados do gesto desesperado. O suicídio é uma tragédia de conseqüências sinistras, mergulhando o Espírito em tormentos inenarráveis, além de impor-lhe sérios compromissos em relação ao futuro.

A grande dificuldade dos benfeitores do Além é que dependem de instrumentos de boa-vontade entre os homens. E estes nem sempre estão dispostos a atender seus apelos. Há a televisão, os compromissos sociais, os lazeres intransferíveis, a insuperável vocação para o repouso.

6

DOSE EXAGERADA

— Tudo bem, chefe, o processo de desagregação do lar de Felinto Prates está em pleno andamento. Conseguimos incutir em sua esposa, Fátima, a suspeita de que seu marido lhe é infiel. As cenas de ciúme têm sido terríveis.

Rômulo, inteligente obsessivo a serviço das Sombras, ouvia satisfeito a informação do preposto. Organizara o trabalho de influência negativa naquela família, pretendendo vingar-se de passadas ofensas. As notícias vinham periodicamente, da parte dos membros da equipe nefasta que, felizes, diziam-lhe dos progressos alcançados:

— Estimulamos o filho mais velho à bebedeira e lhe sugerimos sair escondido com o carro do pai. Ele fez loucuras incríveis, terminando por provocar violento acidente. Está no hospital com várias fraturas. . .

— A garota, sob nossa influência, envolveu-se com um homem casado, mantendo ligação afetiva clandestina. Está em terrível conflito, a um passo do suicídio. . .

— Induzimos Felinto a um desentendimento insuperável com seu chefe. Poderá perder o emprego. . .

— Exacerbamos o ânimo da dona de casa que, por insignificante falta, despediu a doméstica que servia a família há anos. Estamos agindo para colocar em seu lugar uma mulher perturbada. Mais "lenha na fogueira"! . . .

Rômulo comprazia-se e instruía sempre, determinando novas agressões. Queria a família arrasada. Que se danassem todos!

Tão bem ia o processo que não teve dúvida em afastar-se durante algum tempo, atendendo outros misteres. Ao regressar, foi procurado por um de seus pupilos que, conturbado, disse-lhe:

— Chefe, aconteceu o pior. Creio que exageramos na dose, porquanto transtornamos de tal forma o pessoal, que dona Fátima decidiu procurar um Centro Espírita, arrastando consigo marido e filhos. . . Apavorados com os problemas, levaram a sério as orientações. São mais comedidos no relacionamento, disciplinaram as atitudes. . . Felinto já leu vários livros espíritas, reformulando idéias; a esposa integrou-se em serviço assistencial; a filha rompeu a ligação clan-

destina; o rapaz participa de um grupo de jovens espíritas, observando nova diretriz. Temos dificuldade até para ingressar na casa, porquanto aprenderam a defender-se com a oração, atraindo "agente da Luz" que inibem nossa ação. Se não tomarmos providências imediatas perderemos nosso trabalho! . . .

— Não adianta — responde, irritado, mas com sabedoria, o chefe da organização. — Não há o que fazer agora, senão deixar que recrudescam suas tendências inferiores, após a euforia dos primeiros contatos com o Espiritismo. Ficaremos à espreita. Quando se distraírem, voltaremos à carga. . .

E, decepcionado:

— Resta-nos apenas esperar. . .

* * *

Os Espíritos inferiores só podem agir sobre a mente humana quando ali encontram idéias negativas e tendências viciosas. A influência do Mal pede correspondência onde pretenda instalar-se. Só na ausência da luz dominam as trevas.

Por isso, a orientação mais segura ante o assédio de inimigos desencarnados é a mesma de sempre:

Pense o Bem! Pratique o Bem! Viva o Bem!

ANGÚSTIA MATERNA

— Estou desesperada! Meu filho morreu num estúpido acidente! É tão grande minha dor que tenho vontade de morrer! Por que, meu Deus? Por quê?! Uma vida interrompida cruelmente! Mal começara a existência! . . .

Clara, jovem senhora que atendia no plantão de entrevistas e encaminhamento à assistência espiritual, contemplou a mulher atormentada que tinha à sua frente, aguardou que extravasasse as mágoas, em meio a copioso pranto, e lhe disse, bondosa:

— Dona Arminda, não se entregue ao desalento. . . Nada acontece por acaso. Razões ponderáveis, inacessíveis ao nosso entendimento, determinaram que o menino regressasse ao Plano Espiritual.

— Não me conformo! Não aceito perdê-lo

tão cedo. Tinha apenas treze anos! . . . Era praticamente uma criança! . . .

— É preciso corrigir nossos raciocínios. A senhora não o perdeu. Ele apenas transferiu-se de residência. . .

— Tal idéia não significa nada. Não posso vê-lo! É como se não existisse! . . .

— Engano seu. Enquanto houver amor nossos afetos estarão conosco. Viverão em nossa lembrança. . . Recorde os dias felizes de sua convivência e considere que, em Espírito, ele virá, mais tarde, visitá-la. Se preparar o coração, libertando-o de sentimentos negativos, poderá senti-lo junto de si, nas emoções de terna saudade, plena de felizes recordações. . .

A infeliz mãe fez uma pausa no pranto copioso e, ansiosa, perguntou:

— Por que ocorrem semelhantes tragédias?

— Há Espíritos que vêm para experiência breve. Não raro, faz parte de seu planejamento sensibilizar os pais, renovando-lhes as disposições, ajudando-os a superar as ilusões do Mundo. Talvez a senhora nunca se interessasse por tais questões, não fosse a mágoa que a motiva. Posso dizer-lhe, sem medo de errar; que a Doutrina Espírita lhe oferecerá uma nova visão da Vida, permitindo-lhe caminhar com mais segurança. Temos nela o Consolador prometido por Jesus, uma Bênção Divina, que nos explica os porquês

da existência, demonstrando-nos que não estamos entregues à própria sorte. Deus vela por nós e nos conduz a glorioso destino.

A visitante reiniciara o fluxo das lágrimas. Clara procura animá-la, desviando o rumo de seus pensamentos:

– Tem outros filhos?

– Sim, mais três. . .

– E o marido?

– Sofre muito. Era extremamente ligado ao menino. Mas é mais forte, vem reagindo. . . Eu é que não me conformo! Não me conformo! . . .

– É preciso seguir em frente, tornar à normalidade. A Vida continua. Sua família precisa de seu bom ânimo. Coragem! A tempestade passará!

– Não consigo! Só quem perdeu um filho sabe o quanto isso dói. Perdoe-me se lhe pareço indelicada, mas é fácil falar em coragem, serenidade, bom ânimo, disposição de lutar, quando tudo corre bem. . .

– A senhora tem razão. Nossa crença é tranqüila quando nos demoramos entre flores. Conservá-la em meio aos espinhos é um teste terrível. Sei bem o que isso significa, porquanto passei por experiência semelhante à sua. . .

Enxugando lágrimas discretas, Clara completa:

— Meu esposo e dois filhos, toda minha família, jóias de minha vida, faleceram há dois anos, num desastre de avião. . .

* * *

O desencarne de afetos caros ao nosso coração, em ocorrências trágicas, situa-se como provação das mais dolorosas. Mas há um sofrimento maior: a inconformação, quando estagiamos em voluntário pesadelo, recusando-nos a regressar à normalidade.

Para preservarmos a própria integridade é indispensável que não nos percamos em interminável questionamento, como se pedíssemos contas ao Céu.

Em nenhuma outra circunstância se faz mais imperiosa a confiança em Deus e a submissão à Sua Vontade, considerando que o Senhor sabe o que faz.

8

A SURPRESA

— Faremos uma surpresa para nossa querida Otília. Iremos ao seu lar e cantaremos para ela, cumprimentando-a por seu aniversário. Ela vai “morrer” de emoção! . . .

O grupo de jovens, integrado na Mocidade Espírita, em atuante instituição, tinha razões para festejar o acontecimento. Otília era muito estimada, jovem dinâmica, musicista, cheia de iniciativas, alegre e comunicativa.

Planejaram tudo certinho. Prepararam “comes e bebes” para a festinha que se seguiria à homenagem. . . Tudo feito “em surdina”, a fim de que a aniversariante não desconfiasse de nada. Chegaram até a compor uma música, com estribilho torto mas sincero, que dizia assim:

“Você é nossa companheira,
Nosso exemplo vivo,
Nossa líder inspiradora,
Seguiremos sempre consigo.”

Chegaram de mansinho, silenciosamente, contendo a própria euforia, risos abafados. . . Abriam o portão, ganharam a área interna e preparavam-se para iniciar a cantoria quando ouviram a voz de Otília, timbre estranho, ardido, discutindo com a mãe:

— Eu já lhe disse para não se intrometer em minha vida! Faço o que julgo direito e você não tem nada com isso!

— Minha filha, — pedia a mãe — fale baixo, olhe os vizinhos. . . Tenhamos cuidado. Ninguém precisa saber de nossos problemas. . .

— Ora, os vizinhos que se danem — gritava a moça a plenos pulmões — e você também!

— Otília, não quero discutir, mas não é justo agir como se fosse sozinha. Nossa vida está difícil! Há seus irmãos menores, seu pai está doente. Precisamos nos unir. . .

— Você quer dizer com isso que devo cuidar da molecada? Contribuir para o sustento da casa? Negativo! Meu tempo é escasso e há necessidades pessoais. O que ganho mal dá para atendê-las!

O pessoal ouvia estarecido. Aquela Otília lhes era totalmente desconhecida. Áspera, agressiva, deseducada, bem diferente da moça que freqüentava o Centro, exibindo enganador sorriso.

O diálogo prosseguia, num duelo ingrato

entre a mãe, senhora respeitável e sofredora, e a filha, indisciplinada e estentóricas.

Em dado instante, Otília, exasperada, afasta-se a pronunciar palavrões e abre a porta. . .

Lívica, desagradavelmente surpreendida, depara com os companheiros que a fitam em silêncio. Pouco depois ela está só na área. No chão ficam cópias amassadas da música em sua homenagem, com o estribilho:

“Você é nossa companheira,
Nosso exemplo vivo,
Nossa líder inspiradora,
Seguiremos sempre consigo.”

* * *

Se falece em nós o empenho de ajustar nosso comportamento ao que idealizamos, sob inspiração de princípios morais, não só marcaremos passo em relação à própria edificação, como causaremos desanimadoras decepções naqueles que seguem conosco.

O HORÓSCOPO

Alcebíades Dulcídio lia o jornal enquanto aguardava o café preparado pela esposa. Deteve-se no horóscopo observando seu signo:

“As influências astrais são negativas. Haverá tendência para a irritação. Cuidado na direção de seu automóvel. Controle as refeições, evitando problemas digestivos.”

— Pelo visto — comentou — estou em “baixo astral”.

— Ora, meu bem, isso tudo é tolice. . .

— Tolice é você falar do que não sabe!. . . Trata-se de uma ciência!

— Pseudo. . .

— Não seja ignorante! Será que você tem de me contrariar sempre?. . .

Alcebíades mal termina o lanche. Sai sem se despedir, irritado. Toma o automóvel e, ainda

empolgado pela "grossura" da mulher, não reparou em ligeiro desvio da direção, o que o leva a raspar um dos pára-lamas na parede, amassando-o.

Verberando intimamente a esposa, a quem considerava culpada pelo acidente, partiu para o escritório. Trabalhou com dificuldade, sem conseguir superar incômoda intranquilidade, em face dos acontecimentos da manhã. Não almoçou bem, acometido por terrível azia. Foi um dia péssimo, coroadado por áspero desentendimento com um subordinado.

Na manhã seguinte, ei-lo a ler novamente o seu horóscopo.

"Dia favorável. Terá alegrias no lar. Irá tudo muito bem no serviço profissional. Saúde perfeita nesse período."

Dulcídio animou-se. Não se atreveu a comentar com a mulher, mas, mais solto, conversou durante alguns minutos e, nas despedidas, beijou-a, carinhoso. Fez ótima viagem rumo ao escritório, assoviando, eufórico. Não houve problemas digestivos. Almoçou tranquilo. Pediu desculpas ao funcionário que agredira verbalmente. Ótimo dia!...

Ao sair do serviço, à tarde, não se conteve. A redação do jornal ficava ali nas imediações. Foi até lá. Queria conhecer o astrólogo e parabenizá-lo pela exatidão de suas previsões.

Naquele horário a redação estava quase deserta. Encontrou apenas um rapazinho que da-

tilografava algo. Perguntou pelo titular da coluna astrológica.

— Não temos. . .

— Não? E quem faz as previsões?

— Sou eu. Agora mesmo estou preparando o horóscopo de amanhã.

— É aprendiz de Astrologia?

— Não entendo nada do assunto. Mas não é difícil. Há centenas de previsões redigidas. É só copiar. . .

— E há uma orientação para selecionar os textos?

— Não, senhor! Dou uma mexida e tiro ao acaso. . .

Dulcídio deixou a redação aturdido.

— Meu Deus! — comentou consigo mesmo — se, por engano escreverem que os nascidos em determinado signo vão morrer naquele dia, são capazes de matar muita gente! . . .

* * *

O Homem é senhor de seu próprio destino. As influências mais sérias que venha a sofrer condicionam-se à sua própria vontade. . .

Por isso, vaticínios relacionados com a vida diária, baseados em meras especulações astrológicas, somente se concretizarão na medida em que lhes dermos o aval da aceitação.

10

TEATRINHO

ATO I – Na empresa

- Chefe, seu filho sofreu um acidente! . . .
- Meu Deus! Que foi? É grave?! . . .
- Acalme-se. Apenas artes de jovem. Pixa-va o muro de uma residência quando apareceu o proprietário. Na fuga apressada caiu e fraturou a perna.

ATO II – No hospital

- Pai, sinto tê-lo aborrecido. Não fiz por mal. Uma brincadeira tola. . .
- Tudo bem, filho.
- Desculpe.
- Desculpar o quê? Foi apenas uma experiência. . .

— E terrível! Terrível! . . . Quando a perna estalou pensei que morreria de dor.

— Faz-me lembrar a Lei de Causa e Efeito. Toda ação mal direcionada resulta sempre em prejuízo nosso.

— Principalmente quando a gente foge à responsabilidade, né?

— Isso mesmo. Seria menos complicado enfrentar o proprietário prejudicado por sua brincadeira.

— Na próxima vez terei mais cuidado. . . ao fugir.

— Malandro! Espero que não ocorra uma próxima vez. . .

ATO III – Em casa

— Ufa, pai! . . . Finalmente estou recuperado. Foram dois meses de dores e incômodos com a imobilização e a fisioterapia. Carma pesado, velho! Paguei com juros e correção monetária.

— Engano seu, filho. Isso tudo foi apenas a consequência inicial. O pagamento começa agora, com a pintura do muro pixado.

— Castigo é? Pensei que estava perdoado. . .

— Perdoado, sim. Remido, não. É preciso reparar o prejuízo causado.

— Você me dará o dinheiro?

— O débito é seu. Farei um adiantamento

de sua mesada para as tintas. Será um empréstimo. A pintura fica por sua conta.

— Puxa, você “gosta mesmo” de mim, hein pai?

— Muito mais do que imagina, filho. Mas tão importante quanto o amor é a justiça. Há uma dívida a resgatar. É responsabilidade sua, intransferível. Se não o fizer agora, aprendendo a respeitar os patrimônios alheios, a Vida o exigirá mais tarde. Será bem mais difícil.

— Está bem, chefe. Você venceu. A cidade ganhou um pintor.

— Espero que se tenha livrado de um pixador. . .

ATO IV – Junto ao muro

— Oi, bicho! . . . Virou pintor? e a Faculdade?

— Oi, companheiro! . . . Não deixei o estudo e agora mesmo estou aprendendo que às vezes é preciso abraçar as tarefas mais simples para medir o valor das coisas.

— Então capriche, rapaz. Faça bem feito para não ser preciso retocar a pintura. . .

— Curioso, isso me recorda um princípio espírita. . .

— Não entendo. . . Que tem o Espiritismo a ver com tintas?

— Nada não, meu chapa. Esquece. . .

* * *

A Vida é um imenso painel. Somos os pintores. Iremos adiante, desenvolvendo técnicas e pendores artísticos na medida em que nos aprimorarmos nos domínios da inteligência e do sentimento.

Os “pixadores” inconseqüentes permanecem presos às suas criações lamentáveis, recomendando sempre.

A JORNADA DA FRATERNIDADE

A diretoria do Centro estava cuidando com muito carinho da PRIMEIRA JORNADA DA FRATERNIDADE, um ciclo de três palestras em que seriam exaltados os valores da vivência cristã no relacionamento humano.

Foi convocada pela presidência uma reunião extraordinária para tratar exclusivamente do assunto. Vários itens entraram em discussão, estabelecendo-se a programação e os encargos de cada diretor:

- Oradores convidados. . .
- Divulgação. . .
- Local. . .
- Números artísticos. . .
- Composição da mesa. . .
- Direção dos trabalhos. . .
- Prece de encerramento. . .

Aparelhagem de som. . .

Distribuição de mensagens. . .

Sorteio de livros. . .

Havia muita animação. Os assuntos foram debatidos, problemas resolvidos, responsabilidades assumidas.

Um último item tomou o tempo maior da reunião, mesmo porque ninguém se ofereceu a assumir o encargo:

Hospedagem.

Os motivos apresentaram-se variados e inamovíveis:

“Estou com pequena reforma em casa. . .”

“Meu lar é muito modesto. Não ficariam bem acomodados. . .”

“Minha esposa anda com enxaqueca. . .”

“Terei familiares de fora. . .”

“Não temos quarto de hóspede. . .”;

“As crianças são terríveis! Não dariam sossego. . .”

Após muita discussão, na impossibilidade de encontrar lares espíritas acolhedores, decidiu-se que os oradores convidados para a PRIMEIRA JORNADA DA FRATERNIDADE ficariam num hotel. . .

* * *

Já não há espaço nos lares para o exercício da hospitalidade. Custo de vida muito elevado, problemas domésticos, atividades profissionais, existência agitada, compromissos mil!

Há até espíritas tão empenhados em disseminar os princípios espíritas que não têm tempo para pô-los em prática, acolhendo companheiros que chegam para os labores doutrinários. . . .

12

O QUADRO

A nova diretoria, liderada por Leandro Alves, homem culto e inteligente, pretendia dinamizar o trabalho do Centro e, sobretudo, renová-lo, buscando superar velhas práticas não compatíveis com os postulados espíritas.

Fazia parte do elenco de mudanças o recolhimento de velho quadro situado em local de destaque no salão de reuniões, onde aparecia simpática figura de preto velho. Segundo os antigos, fora pintado nos primórdios da instituição, conforme a descrição de um médium vidente.

A pintura era muito ruim. Não merecia nem mesmo ficar na biblioteca, conforme idéia inicial. Melhor levá-la para o depósito de velharias e depois dar-lhe fim. Assim raciocinava o presidente, enquanto retirava o quadro.

Naquela mesma noite, em concorrida reunião de assistência espiritual, o pessoal logo per-

cebeu a ausência da pintura. Leandro, diplomaticamente, explicou sua posição, inspirada em princípios doutrinários. O Espiritismo não admitia nenhum tipo de prática exterior. A presença do quadro sugeria um ícone, à semelhança das igrejas orientais, objeto de culto, inspirando posturas idólatras. Embora o respeito e a admiração que a diretoria devotava ao querido mentor, tal presença no salão de reuniões era incompatível com a pureza da doutrina.

Suas ponderações não foram recebidas pacificamente. . . Antigos colaboradores situaram a medida por desrespeitosa. Afinal, o quadro estava ali há anos e nunca incomodara ninguém. Pelo contrário — servia de preciosa inspiração. Pessoas aflitas e perturbadas emocionavam-se evocando o mentor, tendo os olhos pousados em sua figura venerável, por si só capaz de oferecer-lhes conforto e tranquilidade.

A discussão acirrou-se, resvalando para a agressividade. Vendo que o ambiente se tumultuava, Leandro houve por bem encerrar a reunião, não sem antes informar que a iniciativa era da diretoria e tinha caráter irrevogável.

Entretanto, o assunto não morreu. Pelo contrário: recrudesceu, gerando confusão e desentendimento. O processo culminou com um abaixo-assinado firmado por praticamente todos os frequentadores. Pretendia-se que o quadro fosse “reabilitado” ou deixariam a instituição.

Ante a gravidade da situação, a diretoria

reuniu-se extraordinariamente. O assunto foi longamente debatido e chegou-se a uma decisão por unanimidade, mesmo porque qualquer alternativa seria desastrosa, deixando o centro vazio.

No dia seguinte o quadro voltou ao salão de reuniões. . .

* * *

É importante a atualização doutrinária. Muitas organizações espíritas desenvolvem atividades distanciadas dos postulados espíritas. É preciso renovar, superar credices, mitos, superstições. . .

Imperioso reconhecer, entretanto, que antes de renovar as práticas é preciso preparar os praticantes. Medidas administrativas unilaterais, em confronto com as aspirações do grupo, tendem à desarmonia, revelando-se contraproducentes.

Indispensável, por isso, imitar a sabedoria da Natureza, que não avança aos saltos, usando os ingredientes da tolerância e da compreensão, com estímulo ao estudo metodizado, a fim de que os próprios participantes das coletividades espíritas amadureçam e, por si mesmos, decidam-se às modificações necessárias.

O ACIDENTE

Cid Pancora estava apressado. Havia várias providências urgentes, relacionadas com a promoção de um filme, cuja renda reverteria em benefício de entidade assistencial da qual participava com dedicação e boa vontade. Era preciso levar o material de propaganda aos jornais e emisoras radiofônicas; contatar o diretor do canal de televisão que divulgaria a notícia; instruir os companheiros que fixariam cartazes em casas comerciais. O tempo era escasso. Em trinta minutos deveria retornar ao estabelecimento bancário onde trabalhava, para o expediente vespertino.

Deixando sua residência, no subúrbio, tomou a motocicleta e partiu, veloz. Algumas quadras adiante viu um amigo com quem desejava conversar. Impulsivamente, acionou os freios com força. Chovera há pouco; a pista estava escorregadia. . . Foi o suficiente para a derrapagem espetacular! O motociclista deu a tradicional "rala-

da'' no asfalto, ferindo-se nos braços, pernas e tórax. Sua roupa ficou em frangalhos, o sangue espalhou-se, profuso. . .

Pálido, quase desfalecido, o acidentado foi levado imediatamente ao pronto-socorro. Felizmente, não houvera dano mais sério. Apenas o susto e escoriações generalizadas. No ferimento maior, no braço direito, quinze pontos. . . Incrível a inexistência de fraturas, tendo em vista a velocidade em que trafegava!

Não obstante, Pancora estava aborrecido. Afinal, o acidente trouxera problemas à promoção, com prejuízo para a entidade assistencial. Os Espíritos bem poderiam ter ajudado. . . Muito franco, expôs sua contrariedade ao orientador espiritual, em reunião mediúnica realizada em seu lar com o propósito de confortá-lo. O Espírito ouviu, atencioso, seus reclamos e respondeu, pela psicofonia mediúnica:

— O amigo tem razão. Considere, entretanto, que temos limitações e nem sempre conseguimos proteger com eficiência nossos colaboradores encarnados, principalmente quando fazem o que não é devido, como frear brusca-mente uma moto em pista escorregadia. Para evitar o acidente teríamos de subverter as leis da Física. Não fomos, entretanto, totalmente incapazes e a derrapagem só não teve conseqüências funestas porque vários companheiros se mobilizaram para ampará-lo na queda. Você não imagi-

na o trabalho que tivemos para evitar ossos quebrados!

* * *

É impossível à Espiritualidade evitar inteiramente ocorrências dessa natureza, mesmo quando não façam parte do quadro das provações humanas. Há o livre-arbítrio e a fragilidade dos tutelados da Terra.

Mas não faltam anteparos espirituais, evitando o pior, quando as pessoas envolvidas se façam instrumentos legítimos do Bem, identificando-se pelo empenho consciente e constante de servir.

A OPINIÃO DO MENTOR

Um trabalho diferente: o atendimento noturno do Albergue era realizado em bases de voluntariado. Todas as noites havia uma equipe, os homens encarregados do contato inicial, registro, recolhimento de bagagem, encaminhamento ao banho; as senhoras com o cuidado das crianças, refeições, distribuição de roupas, . . .

Era a aplicação prática dos ensinamentos espíritas transmitidos no Centro mantenedor da obra, que funcionava no mesmo prédio, oferecendo aos viajores cansados que procuravam abrigo um pouco de calor humano, de fraternidade autêntica.

Naturalmente, nem tudo eram flores; havia espinhos. Afinal, não obstante a boa vontade, não havia ali nenhum anjo do Céu em trânsito pelas brumas da Terra. O problema mais frequente aparecia no atendimento de alcoólatras, que sempre causam transtornos com seu com-

portamento lamentável, em três reações clássicas: valentes como o leão, dispostos a brigar por qualquer motivo ou sem ele; inquietos como o macaco, importunando toda gente, ou pachorrentos como o suíno, derramando-se sobre bancos e resvalando para o chão, onde, não raro, lançam o fétido conteúdo de seus estômagos, em regurgitamentos provocados pela bebida.

Alguns voluntários, em contato direto com estes assistidos difíceis, acabavam assumindo uma postura agressiva, descompondo-os asperamente.

O assunto foi levado a uma reunião de diretoria, merecendo a réprovação dos presentes. Como não se chegasse a uma conclusão quanto às providências a serem adotadas, decidiu-se consultar Gervásio, mentor espiritual, que se manifestou pela psicofonia mediúnica. Este, após ouvir os reclamos dos diretores, comentou:

— Realmente, a atitude desses nossos amigos merece reparos. Embora a natureza da clientela atendida, não podemos faltar aos deveres da compreensão e da tolerância. Conversem com os voluntários, façam reuniões de esclarecimento, alertando-os quanto à orientação da Casa.

— Não sei se isso vai adiantar — diz Sidônio, o vice-presidente, que se faz intérprete dos companheiros. — Afinal, as advertências têm sido freqüentes. Vimos falando sempre com os plantonistas a respeito. . .

— Insistam, até obterem o resultado desejado.

— Cremos que é preciso algo mais incisivo.

— Se preferem assim — sugere Gervásio — a solução será o imediato afastamento desses companheiros. Há gente disponível?

— No momento, não. Esse pessoal está no serviço há muitos anos. Seria difícil encontrar substitutos.

— Façamos o seguinte: aproveitaremos os membros da diretoria. Vocês conhecem o problema, têm noção do funcionamento do albergue. Darão o exemplo. Não haverá dificuldade.

Os circunstantes entreolharam-se, surpresos. Ninguém estava disposto. Tinham outras atribuições em atividades administrativas e doutrinárias.

— Se é assim — diz Gervásio bem humorado — creio que devemos encerrar o assunto, porquanto, se não podemos contar com os santos, valhamo-nos dos pecadores. Afinal, o serviço não pode parar. . .

Ante o mutismo geral, Gervásio despediu-se, desejando paz a todos.

* * *

No exercício da Fraternidade, sob inspiração do Evangelho, é difícil definir onde termina a energia e começa a agressividade; onde a pala-

vra disciplinadora é substituída pela rudeza verbal, principalmente diante de criaturas que se mostram inconvenientes e inoportunas. Entre o ideal cristão e a vivência das lições de Jesus há longos caminhos a serem percorridos. . .

Forçoso reconhecer, entretanto, que, não obstante sua incipiência, o servidor do Bem empenhado em servir ao semelhante, caminha à frente dos que se limitam a criticá-lo, sem reconhecer que sua atitude lhes impõe o dever de fazer melhor.

PALPITE ERRADO

Jovino era médium vidente. Percebia, frequentemente, junto de si, simpático Espírito que se dizia seu protetor. Habituará-se a consultá-lo, em princípio a respeito de questões doutrinárias; depois, problemas pessoais; finalmente, a pretexto de qualquer assunto.

Quando adquiriu um automóvel, motorista inexperiente, incorporou a ajuda do acompanhante espiritual a partir da sua indecisão, num cruzamento movimentado, quando este lhe falou, resolutivo:

— Vai que dá!

E Jovino foi. . . Daí em diante, encontrou no mentor um eficiente "co-piloto". Em qualquer dificuldade no trânsito, aguardava o "sinal verde":

— Vai que dá!

Certa feita transitava por estrada aciden-

tada quando, no alto de uma encosta, avistou enorme caminhão que iniciava a descida do outro lado, em alta velocidade. Lá embaixo havia ponte estreita, com passagem para um veículo apenas. Jovino vacilou. Daria tempo para cruzá-la antes da chegada do caminhão? O mentor veio em seu socorro:

— Vai que dá!

Confiante, o médium pisou no acelerador e desceu a encosta imprimindo velocidade ao veículo. O velocímetro atingiu rapidamente a marca dos 100 quilômetros horários, impulso aumentando sempre. . . No entanto, ao entrar na ponte, viu que o caminhão entrara, também, do outro lado! O choque, de conseqüências catastróficas, era inevitável! Jovino arregalou os olhos, apavorado, enquanto o mentor, a seu lado, dizia-lhe, num murmúrio desolado:

— Xii! Acho que não vai dar, não!

* * *

Há “mentores espirituais” cuja sabedoria não vai além da ignorância dos consulentes. Estaremos à mercê de seus palpites sempre que vulgarizarmos o intercâmbio com o Além, transformando-o em consultório de indagações pueris, relacionadas com assuntos sobre os quais nos compete decidir.

VENENO MORTAL

Após estagiar no Umbral por tempo que lhe pareceu uma Eternidade, Zulmira foi internada em abençoada instituição socorrista.

Instalada em leito singelo, viu aproximar-se um assistente que, após cumprimentá-la, apresentou-lhe algumas perguntas, a fim de definir com exatidão suas necessidades.

- Nome?
- Zulmira Santorra.
- Estado civil?
- Divorciada.
- Filhos?
- Três.
- Idade?
- Quarenta anos.

— Causa da desencarnação?

— Desgosto.

— Desgosto?!

— Sim, meu marido abandonou-me por outra mulher. Não resisti à traição, sucumbindo em breve tempo, presa de inexorável angústia.

A doente interrompe o diálogo, dominada pela mágoa a extravasar-se em lágrimas abundantes. O assistente, após dizer-lhe palavras de consolo, afasta-se, compadecido.

Em breves momentos entra o médico encarregado de atendê-la. Conversam algum tempo. Revelando perfeito conhecimento da situação, ele lhe diz, atencioso:

— Zulmira, vamos trabalhar em favor de sua plena recuperação, mas dependemos muito de si mesma, de sua reação positiva em face das perturbações que a afligem. Seu problema é complexo, porquanto regressou à Espiritualidade antes do tempo, enquadrada no crime do suicídio. . .

— Suicídio?! Penso tratar-se de engano. Caberia melhor o termo assassinato! Meu marido matou minha vontade de viver com sua traição infamante.

— Realmente, o comportamento dele foi lamentável. Não obstante, você mesma se destruiu ingerindo o veneno insidioso do ódio, a cultivar a volúpia da mágoa.

A doente não se contém:

— O senhor há de convir em que o golpe foi muito forte!

— Sim, minha filha, mas não foi mortal. Você teria resistido muito bem, se não desistisse de viver, recusando-se a aceitar a defecção do esposo. Impossível curar uma ferida tratando-a com ácido. Foi o que você fez o tempo todo até provocar a própria desencarnação, a alimentar a perigosa ilusão de que sua situação era insuportável, como se Deus houvesse colocado sobre seus ombros uma cruz superior às suas forças. . .

— E agora? — indaga, desapontada, a doente.

— Agora é modificar suas disposições íntimas, entregar-se ao tratamento e aguardar a chance de novo retorno à carne, onde será chamada novamente a exercitar, em seu próprio benefício, uma das lições mais importantes do apostolado de Jesus: o perdão.

E Zulmira, que se julgava uma vítima do marido, acabou compreendendo que fora vitimada por si mesma. . .

* * *

O perdão é a chave mágica que nos liberta de muitos males físicos e espirituais, desses que complicam a existência e a abreviam. Não será difícil exercitá-lo se atentarmos a dois detalhes importantes, diante dos ofensores:

Primeiro: cada um dá o que tem. Não podemos colher laranjas de uma plantação de cactos, nem maçãs do espinheiro.

Segundo: Ninguém sofre imerecidamente. O envolvimento em situações constrangedoras, quando somos vilipendiados, escarnecidos, atacados, ofendidos, sempre encontra raízes no passado distante, em vidas anteriores, ou no passado próximo, na vida atual, quando nos comprometemos em atitudes que justificam os problemas do presente.

Por isso, os que perdoam nada mais fazem senão exercitar um mínimo de bom senso, em favor da própria integridade.

A MÃGICA OPÇÃO

Apareceu num programa de televisão, onde eram entrevistadas pessoas idosas, convidadas a falar sobre a velhice. Tinha setenta e cinco anos, mas aparentava sessenta, espirituoso, bem disposto, dono de uma incrível jovialidade.

— Nunca me senti velho. O corpo já não tem a mesma vitalidade; não raro há “grilos” de saúde, o que é natural. Trata-se de uma máquina. Embora eu cuide bem dela, vai se desgastando. . . Mas o “motor” está ótimo, nos dois sentidos: bombeia, incansável e eficientemente o sangue, sem “ratear”, e se mantém permanentemente enamorado de encantadora donzela — a Vida! Por isso, intimamente, sinto-me um eterno jovem. Nunca experimentei o “peso dos anos” ou a angústia de envelhecer. Cada dia é uma nova aventura e eu a aproveito integralmente. . .

— Qual a fórmula para essa perene juven-

tude emocional, essa esfuziante alegria? — pergunta, admirado, o entrevistador.

— Elementar, meu filho. Toda manhã, quando desperto, digo para mim mesmo: “Você tem duas opções, neste dia: ser feliz ou infeliz.” Como não sou tolo, escolho a primeira. Simples, não?

* * *

As pessoas felizes vivem *neste mesmo* mundo de expiação e provas. Sofrem, lutam, enfrentam problemas e dificuldades, dores e tribulações, enfermidades e desgastes, *como toda gente*. No entanto, optaram pela Felicidade, superando a velha tendência humana de autocomiseração; o masoquismo de autoflagelar-se com uma visão pessimista e desajustada da existência, o cultivo voluptuoso da mágoa. . .

Felicidade, como ensina a sabedoria popular, não é uma estação na jornada humana. Trata-se de uma maneira de viajar. Independendo dos favores da existência, subordina-se, fundamentalmente, ao que fazemos dela.

APRENDIZADO ETERNO

O professor de violino ouvia, admirado, a pretensão daquele velhinho lúcido e ágil, não obstante seus 77 anos:

– Quero ser seu aluno!

– Muito bem, Sr. Antônio, seja feita sua vontade. Saiba, entretanto, que, não sendo jovem, terá dificuldade no aprendizado. Além do mais, trata-se de um instrumento musical dos mais complexos. . .

– Tudo bem, meu filho. Estou disposto a enfrentar essa “barra”, mesmo com minhas limitações. . .

O professor não se conforma.

– Senhor Antônio, sua iniciação lhe tomará vários anos dedicados a estudos e exercícios. Considerando que, pela ordem natural, sua existência está no ocaso, não lhe parece um desperdício?

O velhinho sorri e encerra o assunto, esclarecendo:

— Em absoluto! O esforço do aprendizado não só me oferecerá motivações existenciais, alegrando meu presente, como preparará meu futuro. Regressarei ao Plano Espiritual com noções musicais que, tenho certeza, enriquecerão meus patrimônios culturais, favorecendo minha reintegração na pátria verdadeira. Lá também há violinistas. . .

* * *

Não há existências findantes — apenas etapas de aprendizado que se completam, as quais podem ser aproveitadas integralmente, favorecendo o porvir.

A vocação de hoje iniciou-se no aprendizado de ontem, tanto quanto o talento do futuro começa no esforço do presente.

Aprender, em qualquer idade, é o caminho mágico de realizações gloriosas. Quem o faz com perseverança vai em frente, melhorando sempre, sem cansar nunca.

A MULTA MAIOR

O recinto do Tribunal estava lotado, não tanto pela importância dos crimes que seriam julgados, mas pela presença do prefeito de Nova York, La Guardia, que costumava, nessas ocasiões, sentenciar casos policiais simples, com decisões que ficavam famosas pelo seu conteúdo de sabedoria e originalidade.

Um dos acusados fora pilhado em flagrante, roubando pão em movimentada padaria. O homem inspirava compaixão: muito magro, barba por fazer, roupas em desalinho — era a própria imagem da miséria! . . .

La Guardia submeteu-o, solene, ao interrogatório, consultou as testemunhas e, após rápida apreciação, considerou-o culpado, aplicando-lhe a multa de cinquenta dólares. A alternativa seria a prisão. . .

Em seguida, dirigindo-se à pequena multi-

dão que acompanhava, atenta o julgamento, disse, peremptório:

— Quanto aos presentes, estão todos condenados a pagar meio dólar cada um, importância que servirá para liquidar o débito do réu, restituindo-lhe a liberdade.

E ante a estupefação geral, acentuou:

— Estão multados por viverem numa cidade onde um homem é obrigado a roubar pão para matar a fome! . . .

* * *

Todos nós, habitantes de qualquer cidade do Mundo, estamos sujeitos a uma multa muito mais severa, a uma sanção muito mais grave — a frustração dos anseios de Felicidade, os desajustes intermináveis, as crises de angústia — por vivermos num planeta onde as palavras fraternidade, bondade, solidariedade, são enunciadas como virtudes raras, quando são apenas elementares deveres, indispensáveis à preservação do equilíbrio em qualquer comunidade.

Dizem os Espíritos Superiores que a Felicidade do Céu é socorrer a infelicidade da Terra. Diríamos que somente na medida em que estivermos dispostos a socorrer a infelicidade da Terra é que estaremos a caminho da Felicidade do Céu.

Não há alternativa. Podemos nos isolar da

multidão aflita e sofredora, mas jamais estaremos bem, porquanto a infelicidade é o clima crônico dos que se fecham em si mesmos.

Mãos servindo são antenas que estendemos para a sintonia com as fontes da Vida e a captação das Bênçãos de Deus!

OS TRANSPORTES DA FÉ

Era uma comunidade agonizante. . . apenas sete fiéis na igreja enorme, que outrora chegara a abrigar seiscentas pessoas nas missas domingueiras. É que as fábricas invadiram o bairro, transformando-o em distrito industrial. Raras pessoas continuavam residindo ali.

O novo padre concluiu que a solução para o problema seria transferir a igreja para um novo local. Os fiéis duvidaram. Afinal, eram tão poucos! . . .

— É preciso ter fé! — afirmou, convicto, o sacerdote. Conseguiremos com a Prefeitura um terreno no local desejado.

— Como contrataremos o pessoal que vai trabalhar na construção? — objetaram os fiéis.
— Os recursos são escassos!

— Com fé haveremos de formar uma equipe. Começaremos com nosso próprio esforço.

Seremos os pedreiros e carpinteiros, eletricitas e pintores. Faremos mutirões. Convocaremos o pessoal que reside nas proximidades. Arrastaremos todos com o nosso exemplo! . . .

— E o material? — reclamam os fiéis. — Nossa “caixa” não seria suficiente nem mesmo para a edificação de um casebre!

— Com fé tudo dará certo! Temos quase tudo de que precisamos na atual igreja. Vamos desmontá-la, inteirinha, tijolo por tijolo, telha por telha, pedra por pedra, e a reconstruiremos no local escolhido.

E assim foi feito. Alguns homens vacilantes, a princípio; depois dezenas, empolgados pela fé sem limites de um padre decidido. Em dois anos desaparecia a velha igreja, que ressurgia nova, bela, muito amada por ampla comunidade de fiéis, porque em cada pedaço dela estava um pouco do esforço e da boa vontade de todos.

* * *

Ter Fé é guardar a certeza de que com a proteção de Deus nada é impossível àquele que se movimenta, que mobiliza suas potencialidades criadoras, em favor do objetivo desejado.

O homem de Fé verdadeira transporta montanhas, como dizia Jesus, sustentado pela certeza de que o Senhor lhe dará forças para carregar terra, pelo tempo necessário até completar a transferência desejada.

RECEITA PARA SER FORTE

Incrível!

Aquele homem passara cinco dias perdido no deserto, sem água, sem alimentação! E não morrerá! Um prodígio de resistência!

No hospital, ainda fraco, mas em franca recuperação, vê-se rodeado por pessoas interessadas em seu segredo. Como pudera sobreviver? Onde encontrara recursos para sustentar-se?

O homem sorriu, bem humorado, e respondeu:

— Muito simples! Eu orava o tempo todo. A oração foi meu sustento, minha tábua de salvação!

* * *

Amigo.

Em todas as situações, onde estiver, con-

verse com Deus. Como o filho que procura a ajuda de seu pai, fale de seus anseios e esperanças. Comente suas angústias e problemas. Abra seu coração e Ele o sustentará nas lutas do Mundo, ajudando-o a fazer o melhor.

Tudo será mais fácil se aprendermos a conversar com Deus. . .

FOLHAS AO VENTO

A situação da família era terrível. . .

Seis filhos, o mais velho, 12 anos; o menor, nos braços de sua mãe, apenas alguns meses. Pais e filhos cansados, famintos, sem casa, sem dinheiro, sem esperança. . . Pouca bagagem, em malas surradas, muita amargura no coração.

— Que é isso, minha gente? Vieram da Guerra? — pergunta, penalizado, o atendente do albergue onde procuram pousada.

— Pois é, seu moço — responde o chefe da família — viemos de Minas. Eu tinha emprego, casa para morar, filharada na escola. Até que não estava mal. . . Mas um dia o patrão ficou bravo, gritou comigo e eu mandei ele pro inferno. Quase bati, porque homem nenhum fala assim comigo, não!

* * *

Que tristeza!

Toda uma família em penúria, porque o “machão” não levou desaforo para casa. . .

Muitos casamentos são desfeitos, muita gente vai parar na prisão, pelo mesmo motivo. Um momento de cólera, uma reação de ódio, uma agressão, e temos a existência complicada.

Não há nenhum mérito em responder ao mal com o mal, à ofensa com a violência, à má palavra com o palavrão. Qualquer animal faz isso. Se dermos um pontapé num cachorro, ele nos responderá com uma dentada. O cavalo aprontará um coice. . .

Só os homens de verdade estão dispostos a compreender, mantendo a calma. Enquanto não treinarmos esse tipo de coragem, jamais seremos donos de nós mesmos.

Estaremos sempre influenciados pelo comportamento das pessoas próximas, como folhas ao vento.

O JOGO DA SUBSTITUIÇÃO

Tão compenetrada quanto lhe permitiam seus sete anos, a garotinha instalou-se nos joelhos paternos e indagou:

— Papai, você gosta de viver?

— Sim, filhinha, muito! Quem não apreciaria a Vida tendo um tesouro como você?

— Então, por que deseja morrer?

— Papai não quer morrer, meu anjo. Quem lhe disse isso?

— Ninguém. Eu é que pensei. . . Na aula de evangelização a "tia" explicou que o uso do cigarro é uma espécie de suicídio. Provoca doença grave! Você fuma tanto!. . . Imaginei que desejava morrer.

— Danadinha! Você tem razão! Pois bem, papai vai lutar contra esse veneno fumegante.

Mas não será fácil. Muitos tentam e acabam derrotados pelo "enroladinho de fumaça".

— Sabe, paizinho, a "tia" ensinou que o cigarro pode ser vencido pelo jogo da substituição.

— Substituição?!

— Sim. Sempre que sentir vontade de fumar, inicie a brincadeira procurando um pobre e veja o que pode fazer em seu benefício. Assim fica fácil, porque há tantos passando fome, que você vai sentir vergonha de não usar o dinheiro do cigarro na compra de alimento para eles. Não terá coragem de fumar enquanto existirem pobres. Não vai fumar nunca mais, porque pobreza é o que não falta no Mundo.

— É uma boa idéia, meu amor. Vamos começar já. Você vem comigo?

— Claro! E teremos uma ajuda que não falha. A "tia" sempre diz que Jesus vai com a gente quando procuramos socorrer alguém. . .

* * *

Toda família se beneficia com a iniciação dos filhos no aprendizado da Vida Eterna. Iluminando seus Espíritos, não só os ajudaremos a caminhar com segurança, como teremos neles precioso estímulo em favor de nossa própria renovação.

O CENTRO FORTE

— Senhor Fabrício — reclamou o bem-posito cavalheiro — há várias semanas venho comparecendo às reuniões de assistência espiritual, segundo suas recomendações e, até o momento, não experimentei nenhuma melhora. Continuo com a enxaqueca de sempre, acompanhada de insuperável angústia e incômodos desajustes digestivos. . .

— Meu irmão — responde o dirigente com suavidade — é assim mesmo. Como venho lhe explicando, você está sob a ação de um obsessor que busca vingança. Há uma profunda ligação entre ambos, nascida de velha associação do Passado. É preciso dar tempo ao tempo. . .

— No entanto — reclama o consulente — informaram-me que este é um centro “forte”. Mentores poderosos aqui trabalham. Poderiam resolver minha situação rapidamente. . .

— Não apenas aqui, mas em qualquer agrupamento onde se procure observar a orientação espírita e as lições de Jesus, há benfeitores espirituais agindo em nosso benefício. Ocorre que a solução de nossos problemas não depende tanto da ajuda do Céu; é imperiosa a boa vontade dos interessados, na Terra. Não basta receber ajuda dos Espíritos, os benefícios do “passe” ou o conforto da mensagem espírita cristã. É preciso cultivar a oração, disciplinar as emoções, superar irritações e ressentimentos e, sobretudo, exercitar o Bem. O esforço da Caridade é recurso fundamental de libertação, sensibilizando os perseguidores espirituais e demovendo-se os de suas intenções malévolas.

— Sim, sim — concorda o cavalheiro, sem convencer-se — Mas o senhor há de convir que com as dificuldades que venho enfrentando é impossível seguir semelhante orientação!

— Realmente, não é fácil, não tanto em virtude de seu estado, mas muito mais porque semelhante tentame exige uma mudança radical em nossas motivações, no empenho por superar o imediatismo terrestre para raciocinar em termos de Vida Eterna. Raros se dispõem a essa “guinada existencial”...

— Quer dizer que não há outro caminho?

— Penso que não — conclui Fabrício — pelo menos não o conheço. O próprio Cristo referiu-se a ele quando falou sobre a porta estreita...

— Pois bem — informou o consuente — seguirei sua orientação. . .

O cavalheiro bem-posto despediu-se e partiu. Nunca mais voltou! Seguiu em frente, à procura de um Centro "mais forte". . .

* * *

Muitos vêm no Centro Espírita um mero recurso de cura para males espirituais, cuja eficiência está subordinada à "força" de seus dirigentes e guias.

Fazem "via sacra" nos agrupamentos espíritistas, sem aprender a lição fundamental: a cura de seus males está subordinada, essencialmente, ao esforço de sua própria renovação.

BIZANTINICES

O expositor falara longamente dos inconvenientes de considerar-se o Espiritismo uma religião. Erudito, palavra fácil, impressionara a assistência com a segurança de sua argumentação, lembrando, reiteradas vezes, que a expressão "religião" tem conotações infelizes, sugerindo cerimoniais e oficiantes, ritos e rezas, que comprometem a pureza doutrinária.

Ao encerrar-se a reunião, Silveira, antigo líder da Seara Espírita, estudioso dos princípios doutrinários, pediu licença para expor algumas idéias e externar suas dúvidas. O palestrante aquiesceu de boa vontade, iniciando-se o diálogo:

— Considerando seus esclarecimentos, o que devemos declarar por ocasião do recenseamento, no item "religião"?

— Bem. . . essa é uma questão a estudar, já que é importante saber quantos somos no País.

— E nossas crianças, quando em escolas onde há orientação religiosa? Devem comparecer às aulas ou simplesmente informarão: “Não tenho religião, porque sou espírita.”?

— É outro assunto a pensar, porquanto dificilmente os pequenos teriam condições para atender o problema e, talvez, até resolvessem optar por uma iniciação em religiões tradicionais, a fim de não se sentirem marginalizados.

— E quanto à oração? Sendo uma manifestação religiosa, creio que deveríamos evitá-la. O mesmo faríamos com esse “vício” de iniciar e encerrar reuniões espíritas com uma prece. Tal prática “cheira” a ritualismo.

— Não, isso não! A oração é um recurso fundamental de comunhão com a Espiritualidade! Kardec reporta-se a ela como indispensável ao nosso equilíbrio! As bênçãos de Deus deramam-se pelo Universo, mas para colhê-las é preciso preparar o coração, cultivando pensamento elevado, nas asas da prece. . .

— Há outros problemas. Não seria proveitoso suprimir da literatura espírita “O Evangelho Segundo o Espiritismo”? Afinal, trata-se de um livro eminentemente religioso, que analisa em profundidade o Novo Testamento, pretendendo ensinar-nos como caminhar ao encontro de Deus. . . Penso que idêntica providência caberia em algumas abordagens na obra da Codificação. Em “O Livro dos Espíritos”, na questão n.º 625, o mentor espiritual situa Jesus, que encarna o

pensamento religioso ocidental, como a mais alta figura da Humanidade! E pior: Em "Obras Póstumas" Kardec chega ao extremo de sugerir uma profissão de fé raciocinada espírita, semelhante ao "credo" católico! É muito "igrejismo", não acha?

— Infelizmente, não posso concordar. Seria um crime mutilar as obras básicas.

— Há outras providências inadiáveis: acabar com a aplicação do passe magnético, com as reuniões de vibrações, com as manifestações de "guias", com o "Evangelho no Lar". . . Tais práticas têm o "ranço" da religiosidade! Vou mais longe: deveríamos combater veementemente essa mania dos espíritas de praticar a Caridade, porque, no fundo, está sempre presente a intenção de conquistar o Céu pelo exercício do Bem, da mesma forma que há crentes que pretendem conquistá-lo com a frequência às igrejas.

— Calma, meu amigo! — revida, perplexo, o expositor. — O senhor está desatinado! . . . Tais atividades representam o que há de melhor no movimento espírita em favor da Fraternidade, para construção de um Mundo melhor!

— Tem razão — comenta Silveira, sorridente. — Veja, entretanto que, levada às últimas conseqüências sua intenção de preservarmos a pureza doutrinária com a eliminação do caráter religioso do Espiritismo, fatalmente acabaríamos por conceber as providências às quais fiz referência. Aliás, se perdurarem iniciativas como a sua,

em breve teremos companheiros defendendo a idéia de que o Espiritismo não é Ciência, porque o Espírito é inacessível aos processos de experimentação em laboratório ou não é Filosofia, porque não tem a linguagem arrevesada dos filósofos.

E concluindo a conversa, arrematou, incisivo:

— Não percamos tempo com discussões bizantinas que não levam a nada, e acabam por conturbar os servidores de boa vontade, convocados ao trabalho, à solidariedade e à tolerância, segundo a máxima de Kardec.

* * *

Viver é caminhar para Deus, a Meta Suprema. Qualquer idéia filosófica ou moral que nos estimule a esse empenho tem conseqüências religiosas, mesmo quando seus adeptos se prendam a manifestações exteriores.

Pretender eliminá-las do Espiritismo mediante a supressão de seu aspecto religioso, é algo tão desatinado quanto proibir uma criança de alimentar-se por não saber comportar-se à mesa.

O LADO OCULTO

Silas Carrero realizara uma “tournee” de palestras espíritas. Estivera ausente 10 dias. Expositor brilhante, encantara platéias que lotavam os Centros Espíritas por onde passava.

Mais do que a palavra, impressionavam-se com seu comportamento as pessoas que privavam de sua companhia. Sempre muito calmo e afável, a todos atendia, imperturbável, mesmo quando abordado por companheiros inoportunos que abusavam de sua boa vontade.

As pessoas que o acolhiam encantavam-se com sua tranqüilidade. Se o almoço atrasava, se as crianças perturbavam, se ocorriam pequenos incidentes, tudo era relevado por ele com palavras de compreensão.

“Seja tudo pela edificação” — proclamava, sereno, lembrando o apóstolo Paulo, na Primeira Epístola aos Coríntios.

Cumprido o roteiro, regressou, finalmente, viajando 10 horas, estrada ruim, ônibus desconfortável, percalços que suportou estóico, "tudo pela edificação".

Descendo na estação rodoviária, estranhou a ausência de sua esposa, a quem avisara quanto ao horário de chegada. Os minutos escoaram-se com a lentidão da impaciência. Pareciam horas! Silas tamborilava, nervosamente, no balcão de informações, com a ponta dos dedos.

"Que falta de consideração! Não poderia antecipar-se ao ônibus?"

Finalmente ela chegou. Beijaram-se. Ele, sisudo; ela, expansiva, a explicar que houvera um problema de trânsito. Não a deixou concluir. "Soltou os cachorros", diante da mulher atônita, verberando o atraso. Entrou no automóvel e regressou, amuado, ao lar.

Após enfrentar, valoroso e disciplinado, 10 dias de excursão e 10 horas em desconfortável viagem de regresso, Silas Carrero não se conformou em esperar 10 minutos por sua esposa!

* * *

Com um pouco de disciplina é possível exercitar comportamento moderado na vida em sociedade, com valores de tolerância e paciência, em favor da edificação.

O teste difícil está no lar, onde, sem o verniz social, se desnuda o lado oculto de nossa personalidade, mostrando facetas nada edificantes.

O GRANDE CULPADO

Wilson Salustiano, em traje leve, sentiu o frio intenso ao deixar o cinema, perto de meia-noite. . . A brusca queda de temperatura encontrara muita gente desprevenida. Dirigia-se, em passos rápidos, para seu automóvel, quando deparou com um homem sentado à porta de estabelecimento comercial, tentando proteger-se do vento gelado com algumas folhas de jornal. Num impulso, falou-lhe:

— Olá! meu velho, treinando para picolé?

Logo notou que a situação não era para brincadeiras. Ele tossia muito, todo encolhido, encostado na porta fechada. Parecia febril. . . Se aquele infeliz ficasse ali na madrugada não resistiria.

Perguntou-lhe onde morava. O estranho respondeu-lhe, em voz débil, que viera do sítio à procura de tratamento para um mal do peito.

Chegara há pouco. Sem dinheiro, não tinha onde se abrigar.

Wilson resolveu ajudá-lo. Procurou um telefone público e ligou para o Albergue Noturno. O atendente informou que não haveria problema em recebê-lo. Ofereceria até alguma medicação. No entanto, era preciso levá-lo, porquanto a instituição não dispunha de viatura. Sugeriu que pedisse a colaboração da polícia ou do hospital.

O samaritano improvisado titubeou, ante a dificuldade inesperada. Ainda assim fez mais duas ligações. Resposta negativa. Aquelas organizações não podiam atender. Tinham problemas naquela noite.

Wilson aborreceu-se:

— Assim não é possível! Ninguém colabora! . . .

Dando o assunto por encerrado foi embora rápido, que o frio estava implacável. . .

Pela manhã o lojista encontrou à porta um homem sem vida. O sitiante morrera de frio!

* * *

De quem a culpa?

Do governo, que deveria desenvolver recursos, criar condições para que jamais alguém morra por falta de abrigo! . . .

Do Albergue, do Hospital, da Polícia, que

direta ou indiretamente o representam, na medida em que não se adequaram ao cumprimento de suas funções! . . .

O culpado maior, entretanto, foi nosso herói, Wilson Salustiano. Ele, sim, naquele exato momento em que contemplou o homem tiritando de frio, tinha condições para socorrê-lo. Estava ali, via o problema, tinha a iniciativa, sabia como resolvê-lo: bastava conduzi-lo em seu próprio automóvel.

Talvez isso lhe causasse constrangimento. Afinal era praticamente um mendigo, roupas em desalinho, encardidas. Talvez portasse doença contagiosa! Tal constrangimento seria mais criminoso que a própria omissão, por discriminatório e preconceituoso. Mas havia outra solução: pagar um táxi, ou não vale a vida humana mais do que o preço de uma corrida?

Exalta-se muito a Caridade. Todas as religiões são concordes em afirmar que o esforço em favor do semelhante é roteiro infalível de uma vida melhor.

Raros, entretanto, se dispõem a levar avante seus propósitos nesse sentido. É que começam entusiasmados e cheios de boa vontade, mas em breve desistem ao constatar que não é fácil praticar o Bem, porquanto exige esforço, renúncia, sacrifício, desprendimento e, sobretudo, uma inabalável disposição de servir.

ENGANOS

— Dona Sílvia, eu e meu marido lamentamos muito, mas não podemos ficar com o Donizete. Ele não se adapta ao nosso sistema de vida. Tem dado trabalho. . .

A dirigente da casa espírita de assistência à infância recebeu com tristeza a notícia. O menino precisava de um lar. . .

— O que houve? Donizete cometeu falta grave?

— Não chegou a tanto. . . mas é indisciplinado. Não leva o estudo a sério, não me obedece; só atende meu marido, mesmo assim sob a ameaça de castigos físicos.

— Ora, Lucélia — responde, conciliadora, a diretora — isso é normal em muitos lares! Donizete é uma criança, com problemas próprios de seus 7 anos. Dê-lhe uma chance! Ele se adaptará a vocês. Mais do que castigos, ele precisa de

amor. Há enorme carência afetiva em sua alma infantil.

— Sinto muito, mas não é possível. Desencantei-me. Prefiro devolvê-lo antes de consumir-se a adoção. Evitarei problemas mais tarde. . .

— Ah! Minha filha! Se você pretende filhos perfeitos, esqueça o assunto. Não existem em nosso mundo. . . Abençoados os problemas que nos trazem! No empenho por resolvê-los é que crescemos espiritualmente, amadurecendo para a Vida. Lembre-se de que seu maior problema, durante anos, foi justamente o fato de não ter problemas. Você sempre se preocupou muito consigo mesma, fermentando idéias tolas. Quando a estrada é muito tranqüila fatalmente nos distraímos, cometendo imprudências perigosas. . . Um filho é um freio, um estímulo para o Bem, um recurso contra o egoísmo. . .

— Belas palavras, minha querida diretora, mas pouco práticas. Posso até pensar em outro filho adotivo. Donizete não quero. . .

— No entanto, quando você o levou, eufórica, dizia que encontrara o filho que lhe faltava. . .

— Foi um engano.

— E a palavra dos mentores espirituais, quando confirmaram existir entre vocês uma ligação passada? Donizete seria o afeto querido de retorno à lição educativa da adoção! Você e seu esposo tinham o compromisso de encami-

nhá-lo e ajudá-lo! Encargo sério, assumido no Plano Espiritual! . . .

— Enganaram-se.

— Bem, Lucélia, parece que eu também me equivoquei ao julgar que o menino encontrara, finalmente, seu lar. Tudo bem, ficaremos com ele. Será sempre um de nossos filhos. . . Quanto a você, penso que um dia, na Espiritualidade, ao avaliar a presente deserção, reconhecerá, amargurada:

— Enganei-me!

* * *

Filhos adotivos não são enfeites nem mercadorias em experiência. Constituem compromissos espirituais muito sérios, onde o casal se reencontra com companheiros do Passado em experiências educativas do Presente.

Se ambos não se compenetraram dessa realidade, assumindo suas responsabilidades, candidatam-se a inevitáveis decepções.

IMPASSE MATRIMONIAL

Tinham tudo para um casamento feliz. Amavam-se. Respeitavam-se. Guardavam noção de suas responsabilidades. Eram dedicados ao serviço do Bem, mesmo porque levavam a sério a Religião. Aí residia o único problema entre ambos, com implicações aparentemente insuperáveis: não seguiam a mesma escola religiosa.

Luísa, católica praticante, não concebia o matrimônio sem a presença na igreja e a bênção sacerdotal. Sonhava ver-se de véu e grinalda, caminhando ao encontro do noivo sob acordes de música romântica, nave engalanada de flores, rodeada por amigos e familiares. . .

Pedro, espírita convicto, não admitia submeter-se ao que considerava mero culto exterior, calcado em ritualismo e vaidade. . .

O impasse levou-os à separação. Tentaram até outros relacionamentos afetivos, buscando

esquecer. Não foi possível. O amor entre ambos era inabalável. Almas afins, não encontrariam felicidade plena separadas.

Muito ligada ao padre Ivo, venerável sacerdote, com larga experiência dos problemas humanos, Luísa o procurou numa tarde particularmente angustiante, em que se sentia possuída por invencível saudade. Expôs-lhe o problema, falou de suas dúvidas, da luta que se travava em seu íntimo, do duelo entre os anseios do coração e as imposições da consciência.

O sacerdote prometeu que tentaria ajudá-la, recomendando-lhe que voltasse no dia seguinte.

Retornando à igreja no horário marcado, a jovem, surpresa, encontrou o ex-namorado. Também este fora convocado. Cumprimentaram-se sem trair a emoção, trêmulos, vacilantes. . .

— Meus filhos — disse-lhes o mediador com carinho — conheço o drama que estão vivendo. Creio que a dificuldade presente poderá ser superada, desde que ambos se disponham a deixar a posição de absoluta intransigência e, exercitando boa vontade, caminhem alguns passos, encontrando-se na região do bom senso.

Os dois jovens ouvem atentos o sacerdote que, dirigindo-se particularmente ao rapaz, continua:

— É bem verdade que a presença de Deus em suas vidas vai depender do que façam da exis-

tência em comum e não da forma como venham a unir-se, mas para Luísa o casamento religioso é importante porque faz parte de suas convicções, as quais não se julga com o direito de trair. Para você o ato seria mera formalidade. Por isso lhe será mais fácil transigir. Parece-me que não deixará de cumprir os preceitos que o norteiam. Conheço algo de Espiritismo e sei que se trata de uma doutrina de consciência livre.

O sacerdote faz pequena pausa e acentua:

— Não obstante, para evitar constrangimentos de sua parte, faremos uma reunião muito simples, sem nenhum aparato, na intimidade do lar de Luísa, com presença tão somente dos padrinhos. Limitar-me-ei à leitura de textos evangélicos, seguido de oração espontânea. Concorda, meu filho?

— Realmente, padre, o Senhor foi inspirado. Não há por que recusar sua oferta.

— E você, Luísa?

— Ah! padre Ivo! Abençoada idéia. Dispense véu, grinalda, flores, festa. . . Quero apenas sua bênção, em nome de Deus! . . .

O velho sacerdote toma as mãos dos jovens, unindo-as entre as suas e conclui, feliz:

— Desde já, meus filhos, sejam abençoados por Deus. Agradeçam-Lhe pelo sentimento sublime que mora em seus corações. Saibam sustentá-lo com valores de amizade e compreensão,

a fim de que o Amor lhes sustente imorredoura ventura.

* * *

As religiões não estão no Mundo para separar os que se amam. Pelo contrário: faz parte de seus objetivos a união de todas as criaturas humanas, sem a qual fica impossível caminhar ao encontro do Criador.

Infelizmente, vasta maioria de fiéis esquecem-se desta realidade simples, prendendo-se a questiúnculas teológicas, usando-as como floretes de esgrima, a se ferirem mutuamente, levantando barreiras insuperáveis entre si, como se desconhecessem o essencial: somos todos filhos de Deus!

O CUIDADO QUE FALTOU

Não eram modelos de paternidade perfeita. Ambos, porém, marido e mulher, jamais fugiram de seus compromissos, desdobrando-se em cuidados e atenção, desde o nascimento jubiloso do menino.

Não se separavam dele, "curtindo" o garoto desde os primeiros dias, companhia inseparável no lar, nas festas e viagens, nos domingos de passeios e lazeres.

Ele crescera forte e gentil, rebento promissor. Todos elogiavam sua urbanidade, seus generosos dotes de coração, caráter íntegro, virtudes nascidas e sustentadas, em grande parte, pelo amor que se derramava sobre ele, inesgotável, no lar.

No entanto, o ingresso na faculdade disparara gradual e inexorável desagregação em seu comportamento. Tornou-se arredio, perdeu o

gosto pelo bate-papo familiar; os pais pareciam-lhe "quadrados", o que não se furtava de dizer-lhes, irônico; acostumou-se às aventuras do sexo livre, às noitadas alegres marcadas por excessos alcoólicos; o cigarro era seu companheiro inseparável. Levado à convivência "barra-pesada" no ambiente universitário, revelou-se incapaz de resistir às pressões dos "amigos", que o iniciaram no vício, acenando-lhe com os enganos de uma liberdade confundida com libertinagem.

Há muito haviam renunciado às admoestações e conselhos, os quais resultavam, invariavelmente, em discussões ásperas, a conturbar o ambiente doméstico. Aprenderam a conviver com os desatinos do filho, a fim de não perdê-lo totalmente.

Agora acontecera o pior. Na ânsia de experimentar novas sensações, ele se iniciara nas "viagens" disparadas pela ingestão de tóxicos. A dose fora excessiva e ele estagiava, entre a vida e a morte, num leito de hospital.

Onde teriam falhado?

* * *

Não basta oferecer amor aos filhos, aconchegando-os ao coração. É fundamental iluminar seus espíritos, a fim de que não se percam nos

caminhos da existência nem sejam atropelados pelos males do Mundo.

Esse o objetivo da *iniciação religiosa*, sem o qual, ainda que nos desdobreemos em favor dos filhos, estaremos incorrendo em perigosa omissão.

UM NATAL DE VERDADE

A presença do rico automóvel diante da residência humilde, acontecimento inusitado naquela vila paupérrima e distante, despertou intensa curiosidade. Rostos surgiram nas janelas. Muita gente olhando de longe. . .

Desceram Gumercindo e Maria do Carmo, casal de meia idade, muito rico. Esquálida mulher os atendeu, rodeada por três crianças tímidas grudadas em sua saia. No colo materno chorava um bebê, lamento ardido de fome. . . Logo apareceu o marido, figura lastimável, barba por fazer, olhar assustado. O visitante quebrou o gelo:

— Estamos aqui em tarefa de amizade. Temos recebido incontáveis bênçãos de Deus, negócios prósperos, filhos saudáveis, casa ampla e confortável, muita fartura. No entanto, eu e minha esposa não nos sentimos plenamente feli-

zes. . . O que nos sobra falta em muitos lares. O ouro amoeado traz facilidades, mas pesa em nosso coração. Decidimos, por isso, ir ao encontro de nossos irmãos. . .

— Pois é — completa Maria do Carmo. — Gostaríamos de saber como vivem, suas dificuldades e problemas. Como poderemos ajudá-los. Iniciaremos nosso entendimento neste Natal, oferecendo-lhes brinquedos, roupas e alimentos, em nome de Jesus. . .

— Tenho certeza de que foi Ele quem os inspirou — interrompe, emocionado, o dono da casa. — Nossa situação é desesperadora. Estou desempregado há seis meses. . . Já não temos recursos nem para o alimento. A luz foi desligada por falta de pagamento. . . minha esposa está doente. As crianças cobram-me o presente, indagando porque Papai Noel não visita gente pobre. Eu decidira que a situação iria mudar, por bem ou por mal. Planejara assaltar abastada mansão. Enfrentaria a polícia, mataria se preciso, mas não regressaria ao lar de mãos vazias. . . No entanto, não sou criminoso. Tenho uma existência toda de trabalho honesto, cultivando respeito às leis. . . Os senhores salvaram-me de um pesadelo. . .

Sufocado pela emoção, derramando-se em lágrimas, o operário ajoelhou-se e beijou as mãos de seus benfeitores, sem que estes pudessem evitar o gesto extremo de humildade e reconhecimento.

Após alguns minutos de entendimento fraterno, Gumercindo e Maria do Carmo entregaram os presentes e partiram, levando a certeza de que aquela família teria um Natal feliz. Felicidade maior ia em seus corações. Havia descoberto a insuperável alegria de ajudar. . .

* * *

A violência e o crime são desvios lamentáveis que se oferecem àqueles que transitam pelos caminhos da miséria e do infortúnio. A própria sociedade contribui para tão desastrosas opções ao ignorar a existência desses infelizes.

Quando nos dispusermos a superar as barreiras da indiferença, do comodismo e do apego aos bens transitórios, oferecendo amparo e orientação aos irmãos em dificuldade, a mensagem do Natal começará a ser observada, favorecendo a erradicação do Mal.

ATRIBUIÇÕES DE UM ESPÍRITA DESENCARNADO

Pela primeira vez, após seu desencarne, Eustáquio manifestava-se pela psicofonia mediúnica, no grupo de trabalho ao qual estivera vinculado durante 25 anos, nos labores da Caridade. Euforia e emoção! . . . O companheiro desencarnado fora abnegado servidor e grande amigo de todos.

— Meus queridos — saúda, emocionado, o visitante, pela psicofonia mediúnica. — Grande é minha alegria, de retorno à nossa convivência. Ainda não estou na plena posse de minhas forças, nem treinado para este intercâmbio. Posso adiantar, entretanto, que tudo o que aprendemos com nossa amada Doutrina Espírita é a expressão da realidade, principalmente no que se refere ao serviço do Bem, que é sublime semente para a Vida Eterna, favorecendo um retorno feliz à Espiritualidade. Embora pouco o que fiz, recebi preciosas compensações. . .

Após ligeira pausa, Eustáquio imprime leve traço de tristeza em suas palavras, dizendo:

— Entretanto, minha situação espiritual não é das melhores, porquanto se algo realizei em benefício do semelhante, fui muito descuidado em relação ao meu próprio Espírito. É relativamente fácil trabalhar pelo bem alheio; difícil é impedir o mal em nós mesmos. Não há dificuldade em orar por alguém, visitar o doente, pronunciar palavras de conforto e estímulo, atender o necessitado. . . Difícil é conter a irritação, evitar a maledicência, exercitar o perdão, abortar a má palavra. . . Semelhantes impulsos estão muito arraigados em nosso coração! E há os vícios. . . Incrível! Nem tenho conta das manifestações que presenciei de entidades desencarnadas a lamentar os excessos à mesa, os desregramentos, o álcool, o fumo, o tóxico. . . E eis-me aqui a engrossar o coro dos atormentados do Além, porque jamais levei a sério as advertências contidas naqueles dolorosos depoimentos! . . .

— Ora, Eustáquio, não se torture, — diz conciliador o companheiro Breno. — Afinal, ninguém é perfeito. . .

— Sim, eu sei, eu sei. . . Todos temos fraquezas, mas, ante as bençãos do conhecimento espírita, há a obrigação de combatê-las. Enquanto permanecemos na escuridão ninguém pode nos criticar se tropeçamos, mas quando a luz se faz cumpre-nos olhar por onde andamos. Nada posso fazer senão lamentar o tempo perdido,

mas vocês permanecem na luta. Aproveitem as oportunidades; não percam tempo, aprendam a se analisar, olhem dentro de si mesmos, vejam o que deve ser mudado e o façam, a fim de não colherem decepções idênticas às minhas. . . O título de servidor do Evangelho é importante: habilita-nos a muitas bênçãos, mas somente como discípulos autênticos do Cristo estaremos construindo, realmente, nossa felicidade. Isso pede não apenas a movimentação de nossas mãos pelo solo promissor da Fraternidade, mas, sobretudo, de nossa vontade, a trilhar com decisão árduos caminhos do aprimoramento espiritual.

O amigo desencarnado despede-se e a reunião é encerrada. Naquela noite não houve, como de costume, comentários em torno da manifestação. Todos meditavam, impressionados, sobre as graves advertências recebidas, sentindo que se desencarnassem naquele dia não estariam em melhor situação.

* * *

O conhecimento espírita é bênção de esclarecimento e orientação, amenizando as agruras da jornada humana e estimulando-nos à movimentação pelo solo da Fraternidade, onde colhemos abençoadas flores de Esperança e frutos dadivosos de trabalho enobrecedor. . .

Mas representa, também, intransferível acréscimo de responsabilidade no campo do aprimoramento individual, partindo do princípio evangélico de que muito será solicitado àquele que muito recebeu.

O "PRÍNCIPE ENCANTADO"

Dizia estar à procura de seu "príncipe encantado". Só que o fazia da forma errada, cultivando experiências amorosas promíscuas, em atividade inseqüente e comprometedora.

Os familiares preocupavam-se. Sua mãe aconselhava-a. O pai aborrecia-se. Os irmãos faziam ameaças. . . Tudo inútil.

— Sou independente, maior de idade, dona de meu nariz — retrucava Marta, julgando-se "gente", só porque, aos 22 anos, concluía a Faculdade, tinha um bom emprego, bela aparência, numerosos admiradores.

E petulante, contestadora:

— Considero-me uma mulher liberada, com direito de relacionar-me afetivamente com quem desejar. Casar-me-ei um dia, terei filhos, mas só quando encontrar meu "príncipe". O

modo como o procuro é problema meu! Não me aborreçam! . . .

Um dia engravidou. A primeira reação: abortar. Chegou a procurar um médico amigo. Não conseguiu, entretanto, consumar a ato criminoso. O pequenino ser que levava em suas entranhas sensibilizava-a incrivelmente. Não sabia explicar exatamente o que ocorria, mas sentia, com todas as forças de sua Alma, que desejava aquele filho.

Na medida em que a gestação avançou foi forçada a informar a família. Os pais ficaram horrorizados. Era preciso tirar a criança. Família bem posta na sociedade, seria uma vergonha. . .

Marta resistiu com a desenvoltura de sempre. O filho era dela. Ficaria com ele. Devotava-lhe, desde o início, incontido amor. Desejava, ardentemente, tê-lo em seus braços. Iria embora se insistissem! Jamais renunciaria à criança! . . .

Os familiares, que a conheciam suficientemente, concluíram que seria inútil tentar demovê-la e decidiram assumir a situação. Com o passar do tempo, observaram agradavelmente surpresos que, acompanhando a evolução da gestação, a jovem passava por radical transformação. Tornou-se mais comedida, já não saía tanto, deixou a bebida e o cigarro, afastou-se de amizades indesejáveis, perdeu o contato com os rapazes. . . Apesar dos percalços, a criança que estava por vir atuava providencialmente em seu benefício.

Finalmente chegou o grande dia. Experimentando as primeiras contrações, Marta foi levada ao hospital. Atendida prontamente, em breve nascia um belo menino, sorridente e calmo. Toda a família logo se tomou de amores por ele, particularmente a jovem, que, sem o saber, detinha nos braços seu "príncipe encantado", um nobre Espírito ligado a ela desde recuada época, que viera em seu socorro, afastando-a da inconseqüência. . .

* * *

Há Espíritos que retornam à carne em experiências sacrificiais. Embora as abençoadas oportunidades de aprendizado, suas existências são marcadas, sobretudo, pelo compromisso maior de auxiliar companheiros retardatários.

Sua presença desperta neles incontidos anseios do coração, ajudando-os a afastar perigosas ilusões.

DESFAZENDO UM ENGANO

No amplo pátio do Centro de Triagem, Alberico falava a um grupo de albergados, destacando, nos comentários evangélicos, a importância da prática do Bem, como recurso precioso para construir uma existência equilibrada e feliz. Um dos presentes, homem rude e franco, interrompeu-o sem cerimônia:

— Isso que o senhor está dizendo é muito bonito, mas tem endereço errado. Aqui somos todos miseráveis; impossível ajudar a alguém! . . .

— Meu amigo — responde o expositor sem perturbar-se — você incorre no engano de muita gente. Julga que o exercício da fraternidade exige dinheiro. . . Precisamos, na verdade, tão somente de boa vontade. Em qualquer lugar podemos beneficiar o semelhante, até neste recinto. Imaginemos como ficaríamos aqui, se pessoas cuspissem no chão, se crianças não fossem conduzidas ao sanitário para o “cocô” e o “xixi”;

se restos de comida fossem esquecidos pelos cantos. . . Em breve haveria uma imundície, com prejuízo de todos. Preservando a limpeza e a ordem estamos praticando o Bem. . .

Após ligeira pausa, notando o interesse que suas palavras despertavam, prosseguiu:

— As oportunidades são infinitas, ocorrem onde estivermos, a todo momento. Se ajudo um velhinho vacilante a atravessar a rua, se cedo meu lugar no ônibus lotado a uma senhora em avançada gestação, se me detenho a socorrer alguém que sofre uma convulsão na via pública, se procuro um cesto de lixo para jogar fora um papel, se atendo aos apelos da Prefeitura para economizar água — em tudo isso estarei praticando o Bem, sem gastar um centavo. . .

— Isso mesmo — afirma, enfático, outro ouvinte — o Senhor tem toda razão e também está praticando o Bem, ensinando-nos essa lição tão importante, sem precisar de dinheiro para isso.

— É verdade — responde sorridente Alberico, por sentir que se faz entendido — e não esqueça que seria impossível ajudá-los com a palavra se vocês não me ajudassem com o silêncio e a atenção. Em todas as circunstâncias podemos cooperar uns com os outros, habilitando-nos à alegria de servir. E por falar nisso, vamos ajudar a assistente social a desempenhar seu trabalho, prestando-lhe as informações que vai solicitar.

O grupo dirige-se ao setor de atendimento e, demonstrando terem assimilado a lição, dois rapazes colaboram com uma senhora, carregando parte de sua bagagem; um homem oferece apoio ao companheiro doente, de andar claudicante; duas mulheres ocupam-se em cuidar de um órfão de cinco anos recolhido pelo Juizado de Menores.

✧ * *

A oportunidade surge a cada hora e há uma fórmula infalível que nos permitirá aproveitar o ensejo de servir, ensinada por Jesus há dois mil anos: coloquemo-nos no lugar daqueles que nos rodeiam e saberemos fazer por eles exatamente o que gostaríamos de receber em idêntica situação.

Somente o eremita não encontra o ensejo de praticar o Bem. Desde que convivendo com semelhantes, sempre haverá algo que possamos fazer por ele, justificando até mesmo a existência de escritores, com a paciência de ler o que escrevem.

NO FUNDO DO POÇO

Num momento de distração da babá o garotinho de cinco anos ganhou o quintal, pulou o muro e perambulava em amplo terreno baldio. . . Aproximou-se, distraído, de buraco fundo e estreito, escavação abandonada de poço artesiano. Não deu outra: em momentos, ei-lo precipitando-se no inesperado abismo.

A serviçal já o procurava, preocupada, quando ouviu o choro lamentoso que nascia nas entranhas da terra. Horrorizada, constatou o desastre. Seus gritos atraíram os vizinhos. . . Em breve chegavam os pais da criança, outros familiares, a polícia, o corpo de bombeiros e toda uma multidão.

Consternação geral. Mobilizaram-se recursos de socorro. Primeiro tentaram içá-lo. Não deu certo. A solução seria um poço paralelo. Logo apareceu a escavadeira e gente habilitada, ansiosa por ajudar. Era uma corrida contra o tem-

po. O menino não resistiria muito tempo na precária situação. Talvez estivesse machucado. Seu choro era lamentoso e débil. . .

Os pais falavam-lhe o tempo todo, animando-o. A custo dominavam o desespero. . . A multidão sofria junto. Todos queriam ajudar de algum modo, ainda que em simples oração, o que muitos faziam, contritos. . .

As horas se escoaram, a noite passou; a azáfama dos operários da escavadeira continuava. Ao fim da tarde estava aberto o novo poço. A profundidade não era suficiente, ainda. O trabalho reiniciou-se com homens usando pás. Depois, cuidadosamente, para evitar desmoronamento, iniciaram a ligação entre os dois buracos. A torcida era grande!. . .

Finalmente, ao final de mais uma noite, os trabalhadores atingiram o menino, que foi retirado, surgindo à superfície muito pálido, abatido, assustado, mas vivo!

Os pais receberam-no felizes, dominados por funda emoção, que se estendia à multidão. Muitas lágrimas, muita gente rendendo graças a Deus, muitos vivas para os salvadores. . .

* * *

Raras pessoas deixariam de sensibilizar-se. Episódios assim despertam generosos impulsos de solidariedade, a demonstrar que nos refolhos da personalidade humana há, potencialmente,

valores morais que identificam nossa condição de filhos de Deus.

Não obstante, é imperioso recordar que perto de nós, bem perto mesmo, em bairros pobres, há muitas crianças despencando em sombrios abismos de miséria. Atormentadas pela fome e pelo frio, carentes de afeto e orientação, não raro atingem o fundo no poço das amarguras, que sufoca suas mais remotas possibilidades de uma existência compatível com as necessidades humanas.

Para ajudá-las é preciso algo mais do que a fugaz comiseração inspiradora de iniciativas indômitas, em situações extremas. É essencial a coragem de lutar dia a dia, hora a hora, contra a crônica indiferença que caracteriza o Homem, insipiente nos domínios da Fraternidade, a perpetuar na Terra o quadro contristador sustentado por aqueles que vivem tranqüilos na superfície, surdos aos irmãos atormentados que clamam por socorro, no fundo do poço.

RECURSOS MÁGICOS

O Dr. Lúcio Santos, médico espírita, visitava humilde instituição umbandista, onde o caboclo Quirino, Espírito muito famoso pelas curas que operava, atendia vasta clientela, manifestando-se pela psicofonia mediúnica. Postado junto ao médium, acompanhava, atento, o receituário, onde se repetiam com freqüência, orientações assim:

“Sua residência foi invadida por Espíritos perturbadores. Para livrar-se deles, siga as seguintes recomendações: Tome, diariamente, durante um mês, banho de defesa com as ervas indicadas. Mantenha-se na água durante vinte minutos, conservando o pensamento em oração, pedindo a Deus que o ajude a ajustar-se à Sua Vontade. . .”

“Faça, pessoalmente, uma varredura diária da casa, ponha o lixo num saco plástico e leve-o, caminhando, até um riacho da periferia, onde o jogará. . .”

“Tome, durante três meses, água fluidificada em nossas reuniões. . .”

“Faça a aplicação de defumadores, duas vezes por semana, repetindo, em voz alta, durante a defumação, o salmo vinte e três.”

Terminado o atendimento o médico pediu para conversar com Quirino. Já na intimidade, em sala anexa, com a presença de apenas alguns colaboradores, salientou sua estranheza:

— Seu receituário não me parece racional. Há uma esdrúxula mistura de orientações razoáveis com práticas supersticiosas absolutamente inócuas. . .

Revelando surpreendente erudição o Espírito benfeitor responde, paciente:

— Suas ponderações são justas. Considere, entretanto, que se agíssemos segundo os padrões ideais teríamos aqui um consultório médico ou psicológico. Não é isso que os consulentes procuram. A maioria esgotou as possibilidades da Ciência Humana e vêm à procura de recursos mágicos. Sabemos que os problemas que os afligem relacionam-se, essencialmente, com a indisciplina física e mental. No entanto, se nos limitássemos a dizer-lhes isso, iriam embora, desiludidos. . .

Sorrindo, complacente, Quirino completa:

— Por isso, recomendamos-lhes o banho de defesa, que não defende ninguém, embora tenha propriedades medicinais. Mas admitindo que

serão beneficiados reagirão favoravelmente. Ao mesmo tempo a oração, como atitude íntima, durante a imersão, habituá-los-á a buscar ligação com a Espiritualidade. A água fluidificada tem reconhecido valor terapêutico, mas o que vai funcionar com mais propriedade será a presença dos interessados em nossas reuniões, quando vierem buscá-la, recebendo preciosos esclarecimentos nas palestras. A defumação não tem outra propriedade senão de espantar insetos, mas os induzirá a reação favorável, por imaginarem que afasta os Espíritos maus; e enquanto repetem o salmo de Davi lembrarão a grandeza de Deus, superando a sintonia com agentes das sombras. O recolhimento do lixo não tem outro significado além da limpeza do ambiente físico, mas a caminhada ao ar livre ser-lhes-á extremamente benéfica, oferecendo-lhes abençoado exercício. . . Entendeu , Doutor?

— Sim, a título de atender os consulentes em sua procura de recursos mágicos, o senhor lhes oferece algo mais substancial, que efetivamente os ajudará a superar seus problemas. . . Não obstante, noto que em organizações semelhantes a esta, os Espíritos não revelam essa preocupação de, sub-repticiamente, induzir os consulentes a uma mudança de atitude. Ficam mesmo no “terra-a-terra”. . .

— É que muitas vezes falta orientação a esses orientadores. Eles movimentam-se no mesmo terreno das cogitações imediatistas dos solici-

tantes. Mas acabarão aprendendo que se desejam realmente ajudar não podem se limitar a espan-
tar moscas. Devem ensinar seus pupilos a curar
os próprios ferimentos. . .

* * *

Hoje, como sempre, os decantados pode-
res mágicos dos rituais religiosos atraem multi-
dões. . . É sempre mais fácil apoiar-se no que é
palpável e imediatista do que se submeter às dis-
ciplinas capazes de promover uma saúde física
estável e um equilíbrio espiritual inabalável.

Enquanto isso as falanges espirituais liga-
das aos processos da evolução em nosso Mundo
repetem, pacientemente, suas lições, até que
aprendamos o princípio elementar de que nosso
bem-estar depende exclusivamente de nós mes-
mos. . .

SIMPLES ÁLGEBRA

— Está tudo em ordem. Falta apenas o selo para autenticação — informou, gentil, a recepcionista do posto de assistência médica.

— Onde posso comprar?

— No cartório.

— É longe?

— Algumas quadras. . .

— Que maçada! Estou sem condução e devo regressar ao serviço. . .

— Bem, eu tenho alguns aqui. Posso vender-lhe.

Resolvido o problema, o requerente agradece e sai, apressado. Aproxima-se um homem de meia idade que, nervoso, reclama asperamente sobre deficiências do serviço.

— O senhor tem toda razão — responde a

moça, cordata. — Queira nos perdoar. Tentaremos resolver o assunto.

Faz anotações e promete providenciar imediatamente. Desarmado pela simpatia da atendente, ele perde o ânimo belicoso.

— Desculpe, senhorita, se fui agressivo. É que estou "uma pilha", enfrentando problemas variados.

— Tudo bem, não se preocupe. Todos temos maus momentos. . .

Aproxima-se idosa senhora, vestida humildemente:

— Minha filha, estou doente do coração. Parece que é grave. O médico deu-me a receita recomendando que inicie imediatamente o tratamento. Mas não tenho dinheiro. Será possível receber aqui os remédios?

— Bem, vovó, não temos esse tipo de atendimento. No entanto, verei se é possível ajudá-la.

Rapidamente ela telefona para uma farmácia, informa-se do preço dos medicamentos e autoriza o aviamento da receita, responsabilizando-se pelo pagamento.

O próximo a ser atendido, homem inteligente e observador, fala, admirado:

— Moça, estou impressionado! Você resolveu sem dificuldade três casos, poupando tempo a um homem apressado, acalmado outro irritado e ajudando sofredora mulher. . . Que prodí-

gios de força e dedicação a inspiram? Qual o seu segredo?

Sorriso iluminado, a jovem responde:

— Não há segredo nenhum. É apenas uma questão de álgebra.

— Álgebra?

— Sim, aquela operação em que *menos um* somado a *mais um* faz zero. Valores positivos anulam valores negativos. O requerente sem tempo, o reclamante nervoso e a senhora sem recursos tinham problemas — valores negativos. Conservar alguns selos para emergências, usar de serenidade e se dispor a uma “vaquinha” entre os colegas para aviar receita médica, são valores positivos que os anulam, favorecendo as pessoas. . .

— Mas acha que compensa? Ninguém se interessa pelo próximo e há muita ingratidão! . . .

— Engano seu. Muitos gostariam de ajudar, apenas não têm iniciativa. São tímidos. Se lhes dermos exemplo nos acompanharão. Quanto ao reconhecimento alheio, não significa nada diante da incomparável satisfação que experimentamos ao ajudar o próximo. Quando nos empenhamos nesse propósito é como se sorvêssemos milagroso elixir de alegria e bem-estar, que nos mantém felizes e equilibrados. . .

E sempre sorridente:

— Por falar nisso, em que posso servi-lo?

* * *

Há muitas angústias na Terra, muitos problemas de relacionamento entre os homens. Parece que vivemos num deserto árido, vazio de valores morais, abrasados pelo sol do egoísmo que viceja nos corações. Todavia, nem tudo está perdido. Há oásis verdejantes sustentados por companheiros dedicados que distribuem fartamente a água abençoada do conforto e da paz.

Também podemos saciar nossa sede, contribuindo para que o deserto se torne menor. Basta que nos disponhamos a abrir, na intimidade de nosso coração, o poço promissor da boa vontade.

VALIOSO PRESENTE

Um momento de distração e Silvano foi atropelado. Esteve várias semanas no hospital, cuidando de fraturas diversas, uma irremediável, que o condenou à cadeira de rodas. Nunca mais andaria.

Em princípio o desespero, a vontade de morrer. . . Depois a mágoa, a surda revolta contra o Destino que, num trágico instante, furta-lhe as melhores possibilidades da existência.

Guardava, particularmente, um surdo rancor contra o motorista que o atingira, não obstante sabê-lo isento de culpa. Recusara-se terminantemente a recebê-lo. Ele fora o instrumento de sua desdita.

Regressando ao lar, Silvano tornou-se um problema, sempre irritadiço e taciturno. Esposa e filhos tentavam animá-lo. Afinal não havia dificuldades financeiras e, embora paraplégico, ele

poderia perfeitamente desenvolver atividades, voltar a viver. Estavam a seu lado, dispostos a ajudá-lo no que fosse preciso. Jamais lhe faltaria apoio. Mas o chefe da casa recusava-se a cooperar em seu próprio benefício. Passava longos períodos confinado voluntariamente no quarto, mudo e tenso, intimamente um vulcão a explodir, periodicamente, em crises de revolta, extravasando a inconformação de quem se sentia colhido numa armadilha.

A única distração eram os livros, que lhe proporcionavam meios de esquecer sua desdita. Lia vorazmente. . .

Certo dia um garoto lhe trouxe um livro, informando tratar-se de entrega mensal do Clube do Livro Espírita, a qual se repetiria por doze meses. Alguém, que preferira o anonimato, pagara a anuidade.

Silvano não tinha idéia de quem fosse. Aborreceu-se, imaginando tratar-se de um trote. Não obstante, leu o livro, interessando-se de imediato pelos princípios codificados por Allan Kardec, que ofereciam confortadoras respostas às suas indagações existenciais. Não se limitou aos lançamentos mensais. Comprava livros, às pencas, nas livrarias espíritas. Lia-os sofregamente, como viajor sedento em pleno deserto que encontrasse abençoada fonte. . .

Compreendeu que o acidente fazia parte de suas provações e que de nada lhe adiantaria entregar-se à depressão. Decidiu mudar seu com-

portamento. Superou a agressividade. . . Dispôs-se a deixar o quarto, até então seu refúgio de todas as horas. . . Tornou-se mais comunicativo. Os familiares acompanhavam, agradavelmente surpreendidos, sua transformação. Quase todos se interessaram por aqueles livros que trouxeram de volta à Vida alguém que pretendia apenas morrer.

Quis conversar com o motorista que o atropelara. Recebeu-o, gentil. O visitante era pessoa simpática, expansiva. Conversaram longamente, até que Silvano dispôs-se a falar do acidente, isentando-o de culpa.

— Faz parte de minhas provações a situação atual. Mas estou reagindo. Sei agora que a imobilidade das pernas não é nada se nos movimentarmos pelos caminhos interiores, cultivando bom ânimo e coragem. . .

— Vejo com alegria que o Tempo encarregou-se de ajudá-lo a superar o problema. Embora sem culpa no acidente, estive sempre preocupado com o amigo. . .

— Pois não se preocupe mais. Estou bem consciente de que não há sofrimentos indevidos, nem situações difíceis motivadas pelo acaso. Tudo tem razão de ser. E devo dizer-lhe que muito mais que ao Tempo, devo minha atual disposição a um benfeitor desconhecido, abençoado irmão, que me ofereceu um presente inestimável.

Após falar dos livros recebidos, Silvano concluiu:

— Tornei-me espírita. Melhor dizendo, estou tentando. Não é fácil, porquanto tenho muitas deficiências. Nesse empenho, desejava avistar-me com duas pessoas: você, para pedir-lhe perdão por minha indelicadeza na época do acidente, e com o autor do presente, que me renovou a existência. Infelizmente, não sei quem é. Preferiu o anonimato.

O visitante sorri, emocionado e esclarece:

— Não posso dizer que fico feliz por ter sido um instrumento para seu resgate, mas rejubilo-me por ter contribuído em favor de sua iniciação espírita. A assinatura do Clube foi presente meu. . .

* * *

Perdemos muito tempo percorrendo lojas de quinquilharias, à procura de originalidades inúteis para presentear amigos e familiares, relegando ao esquecimento uma opção insuperável: o Livro Espírita, esta cornucópia mágica de abundantes flores de esperança e conforto e frutos sazoados de renovação e paz.

COMPROMISSO NÃO CUMPRIDO

Dona Flausina quase poderia considerar-se uma mulher realizada e feliz: espírita consciente, participante de obras assistenciais, três filhos íntegros e carinhosos, oito netos adoráveis, idéias lúcidas, saúde razoável, situação financeira estável. . . O único problema era a "cruz" que carregava no lar: seu marido.

Existia, latente, um profundo desentendimento entre eles, que eclodia, vezes inúmeras, em atritos e discussões acaloradas que, não raro, desciam ao nível da agressividade.

Não que fosse má pessoa. Era um homem até generoso, bom pai, caseiro, sem vícios, mas gênio difícil, um tanto impertinente, "qualidades" que, para Dona Flausina, pareciam desenvolver-se na medida em que ele envelhecia.

— Só o Espiritismo me dá forças para "agüentar" o Gumercendo — proclamava, enfáti-

ca. — Quero estar com ele até o fim, cumprindo meu compromisso. Então estarei livre! Junto, nunca mais!

Assim foi até seu desencarne, após 48 anos de convivência difícil. De retorno à Espiritualidade, já integrada na Vida Maior, Dona Flausina analisava, com generoso mentor, seus sucessos na vida física.

— Minha filha — dizia-lhe, gentil — você levou existência proveitosa, foi diligente mãe de família, batalhadora nas lides espíritas, servidora da Caridade. . . Traz bela bagagem de realizações. . . Mas tem um problema grave, um compromisso não cumprido: seu marido.

— Como? — interrogou a senhora com estranheza — Não fui fiel aos deveres matrimoniais? Não o suportei, estoicamente, durante quase meio século ?!

— Esse é o seu problema: você *o suportou* apenas! No entanto, seu compromisso era bem diferente. Deveria harmonizar-se com ele, superando antigas mágoas remanescentes de convivência anterior. Adotando a postura de quem carregava pesada cruz, você anulou qualquer possibilidade de aproximar-se dele, ajudando-o a superar suas idiosincrasias com a força da amizade. Faltou-lhe, minha filha, o exercício da caridade que silencia, que perdoa, que não guarda ressentimentos, que supera desavenças. E ele precisava muito de sua compreensão. É uma alma perturbada e neurótica, não obstante suas virtudes.

Como você de certa forma contribuiu para que seja assim, em face de influências negativas que exerceu sobre seu Espírito, no pretérito, não vejo outra solução para o problema senão uma nova união entre vocês, em existência futura, repetindo as lições do matrimônio, até que aprendam a conviver pacificamente.

* * *

Após o encantamento do início, fatalmente surgem dificuldades de relacionamento na vida conjugal. Somos, na Terra, aprendizes incipientes na arte de conviver.

No entanto, aqueles que atravessam o casamento a "ranger os dentes", como se submetidos a intolerável prisão, forçosamente reencontrarão o cônjuge em novas experiências matrimoniais, presos um ao outro por algemas de ressentimento, mágoa, aversão. . .

Somente quando formados por flores de amizade, os elos do casamento, desfrutarão os cônjuges a liberdade de decidir se seguirão juntos nos caminhos do porvir.

PAIS IDENTIFICADOS

A indiscrição de um familiar precipitou o que Lucila e Jonas tanto temiam: Simone tomou conhecimento de que era filha adotiva!

Foi um choque terrível para a menina-moça de 16 primaveras. Quis saber se os dois irmãos mais velhos, já casados, também eram adotivos. Ante a resposta negativa, sentiu-se mais infeliz, uma estranha em seu próprio lar.

— Minha filha — dizia-lhe, angustiada, a mãe — alguma vez, porventura, percebeu qualquer diferença de tratamento entre você e seus irmãos? Sentiu que a amamos menos? Seus irmãos sempre reclamam que você é nosso “dodói”! . . .

A jovem não se conformava:

— Você me enganou o tempo todo!

— Talvez eu e seu pai tenhamos errado,

mas apenas porque tentamos preservá-la, Simone, evitando o problema que estamos vivendo. . .

— Bem, agora quero conhecer meus pais. . .

— Somos nós!

— Meus pais verdadeiros!

— Meu anjo — aduziu Lucila, tomando as mãos da jovem — pais de verdade são aqueles que cuidam e não os que colocam os filhos no Mundo. . .

— Não importa, quero conhecê-los.

— Impossível, nunca mais tivemos contato.

— Hei de encontrá-los! . . .

Simone estava decidida. Amava a Jonas e Lucila, mas não lhes perdoava por terem escondido sua condição. Queria seus pais. O casal tentou ajudá-la. Pesquisas foram efetuadas. Tudo infrutífero.

Então ela lembrou-se de Catulo, antigo mentor espiritual muito ligado à família e que vezes inúmeras os tinha socorrido em suas atribulações. Procurou, em sua casa, Francisco Torres, o dedicado médium que servia de intermediário ao nobre Espírito. Com a assistência de sua esposa realizaram singela reunião mediúnica. O benfeitor espiritual manifestou-se, pondo-se à disposição de Simone.

A jovem contou-lhe o que ocorria e pediu-lhe o concurso na identificação dos pais.

— Você já os conhece — informou o amigo desencarnado. . .

— Como? São pessoas de nossas relações?

— Sim, chamam-se Jonas e Lucila.

— Esses são meus pais adotivos. . .

— São seus pais verdadeiros. Como espírita você deve saber que os laços familiares que prevalecem na Espiritualidade são os do coração. O sangue pouco significa.

— Ainda assim, gostaria de conhecer meus pais.

— Minha filha, insisto que já os conhece. Há muitos séculos todo o seu grupo familiar está ligado por laços de afinidade, ajudando-se mutuamente nos caminhos da evolução. Na presente existência você deveria nascer filha de Lucila e Jonas, como já o foi em existências anteriores. Ocorre que houve um atraso de sua parte, ao preparar-se para a reencarnação. Quando estava pronta sua mãe já não tinha condições para conceber, em face de delicada operação. A solução foi trazê-la ao seu lar por vias indiretas, aproveitando o concurso de infeliz jovem, envolvida com as ilusões do Mundo, para a qual a gravidez foi o ensejo de superar perigosos desvios de comportamento.

— Então, meus pais biológicos nada tinham a ver comigo?

— Nada! Seus pais carnis funcionaram

apenas como uma ponte de retorno à existência humana, com destino certo: Lucila e Jonas!

Pouco depois Simone entrava em seu lar e, emocionada, abraçou com muita ternura seus surpreendidos "pais de verdade".

* * *

A adoção de filhos, com raras exceções, inspira-se em cuidadoso planejamento da Espiritualidade, atendendo às necessidades dos Espíritos em aprendizado na Terra.

Embora os fatores determinantes sejam os mais variados, representando, não raro, uma experiência necessária, tal situação não se constituiria em motivo de sentimentos de frustração ou de rejeição, se o filho adotivo compreendesse o essencial:

O cuidado de uma criança é algo de tamanha responsabilidade, envolve tantos sacrifícios e cuidados, trabalhos e preocupações, que jamais alguém se disporia a manter, por toda uma existência, tal compromisso, se não existisse amor. E onde somos amados ali está nossa família legítima.

DO OUTRO LADO DA RUA

Durante a existência inteira residiu em frente ao Centro Espírita.

Ano após ano observou o movimento de gente que entrava e saía — dirigentes, colaboradores, simpatizantes, aprendizes, doentes, pobres. . .

Nas noites quentes de verão, sentado em confortável poltrona, na ampla varanda; ouvia ao longe a palavra de vibrantes oradores e impressionava-se com a lógica dos conceitos espíritas na definição dos problemas humanos. . . Chegara a proclamar-se adepto da Doutrina dos Espíritos! . . .

E aquela gente que ali cooperava! Que dedicação! Quanto desprendimento! Em qualquer tempo, com chuva ou frio, sucediam-se as equipes de trabalhadores, na distribuição de alimentos, na visitação aos enfermos, no socorro aos desabrigados!

Mas **NUNCA SE DECIDIU A ATRAVES-**
SAR A RUA, perdendo preciosas oportunidades
de serviço e edificação. . .

* * *

Espírita, é preciso **ATRAVESSAR A**
RUA! . . .

Não nos acomodemos na poltrona da indi-
ferença, a ouvir de longe os apelos da Espirituali-
dade! . . .

No Centro Espírita está o nosso ensejo
maior de participação como aprendizes e colabo-
radores. Fortalecê-lo com a nossa presença! En-
grandecê-lo com o nosso trabalho! Sublimá-lo
com a nossa dedicação — eis as metas intransferí-
veis, se aspiramos a um futuro de bênçãos!

Façamos do Centro Espírita a nossa esco-
la, a nossa oficina, o nosso templo, para que não
tenhamos de ver nele o hospital, atormentados
por males e frustrações que afligem os que **NÃO**
ATRAVESSARAM A RUA!

Composto e Impresso pelo INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA
Av. Otto Barreto, 1067 - 13600 - Araras - Estado de São Paulo
C.G.C. 44.220.101/0001-43 — Insc. Estadual 182.010.405.118